COLEÇÃO
PLACAR
Abril
GRANDES
REPORTAGENS
DE PLACAR
FLAMENGO
CR$ 3,90
1204-L NOV 01
457
WWW.PLACAR.COM.BR
O TÍTULO MUNDIAL DE 1981
A CONQUISTA DA LIBERTADORES
OS TRICAMPEONATOS CARIOCAS
A ERA ZICO
23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

A história dos anos mais gloriosos da história do Flamengo vem sendo contada desde 1970 nas páginas de PLACAR. A criação da revista coincide com a chegada ao time profissional do maior ídolo do clube. A trajetória de Zico, e com ela a de um supertime, foi contada, assim, desde os primeiros dias em PLACAR, e só as reportagens sobre a transformação do Galinho de Quintino de simples promessa em estrela máxima da constelação surgida na Gávea dariam várias edições especiais. Procuramos mostrar algumas das melhores nestas páginas, que incluem 23 textos originais de PLACAR. Mas, claro, esta lista tem mais do que isso: momentos tristes, como a morte do meia Geraldo em 1976, e alegrias recentes, como o tricampeonato estadual, também figuram aqui, para deliciar jovens e não tão jovens torcedores rubro-negros.

P.S.: A camisa do Flamengo que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Tadeu Ricci no jogo Paulista 0 x 0 Flamengo., em Jundiaí, em 13 de dezembro de 1975.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermidia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1201 (ISSN 0104-1762), ano 32/nº 31, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

NO AUGE DA DITADURA, o torneio era uma forma de reunir os clubes mais populares de cada estado. O título ficou com o Flamengo de Zagallo

DOIS TORNEIOS, DOIS TÍTULOS

A estrela de Zagallo, o futebol de Paulo César e a volta de muitos craques despertaram o Flamengo

>> POR TEIXEIRA HEIZER, CARLOS LIBÓRIO E CARLOS MARANHÃO

"Mengo, Mengo, Santo Antônio e Chalé/ Minha gente é boa com a bola no pé!" Ninguém ligava mais para os ataques do Inter, para os gols perdidos por Manuel e Paulo César. O Flamengo conquistava seu segundo título em 1972, no segundo torneio que disputava.

— O importante foi ganhar o título — conseguia dizer Zagallo em meio aos abraços de dirigentes e torcedores.

Foi a sua estrela? Foi o futebol de Paulo César?

Para Zagallo, o título nasceu dos jogadores. Para Paulo César, de Zagallo, que "deu tranqüilidade aos jogadores, depois dos períodos agitados de Iustrich e Solich".

Mas, para o clube, o sucesso financeiro e a volta de uma filosofia de trabalho eram tão importantes quanto o título.

De fato, desde o começo do jogo contra o Inter, em que lhe bastava o empate para ser campeão, o Flamengo de Zagallo tentou dar as cartas, mantendo três zagueiros plantados, Aluísio adiantado e Paulo César recuado compondo um meio-campo de quatro homens e deixando Rogério pela direita, Caio pela esquerda e Doval na frente. O mesmo Flamengo das partidas anteriores, que derrotou Bahia (1 x 0), Atlético (2 x 0) e Corinthans (2 x 1) jogando agressivamente, sem se preocupar com o fato de, em dois destes jogos, estar fora de casa.

Se no Rio um empate garantia a festa do Mengo, o Atlético enfrentava o Bahia, em Salvador, com o ouvido no radinho. Dependia de uma derrota do Flamengo e de sua vitória sobre o Bahia.

Deu tudo errado. Se o empate do Flamengo já o tirava do páreo, o Galo ficou mais longe ainda, sem sair do 0 x 0 contra o Bahia.

Telê, calmo como sempre, disse que o "Flamengo mereceu", e pediu calma à torcida:

— Jorge Vieira é um bom técnico, deixem-no trabalhar.

Dino Sani, embora lamentando os gols perdidos, também achou que "o Flamengo mereceu ganhar o torneio".

O que fez o Flamengo para merecer e para ser reconhecido pelos adversários como o melhor do torneio?

Partiu do princípio de que podia ganhar de todo mundo e que podia perder de todo mundo. Conseguiu aliar sua tradicional paixão ofensiva ao estilo zagaliano de jogo, mantendo a cabeça fria mesmo quando teve de enfrentar a violência dos corintianos.

Recuperando Doval, Rogério, Zanata e Dionísio, efetivando Aluísio e Caio, lançando Zé Mário, o Flamengo, nome por nome, não é muito diferente daquele de um certo tempo atrás.

Mas, em paz, esses mesmos nomes voltam a dar alegrias à torcida, que hoje não canta mais os reco-recos e piquepiques das fases de crise, mas alegra o Rio levando sua versão do samba do Salgueiro às ruas:

"Mengo, Mengo, Santo Antônio e Chalé/ Minha gente é boa com a bola no pé!"

"SE NO RIO UM EMPATE GARANTIA A FESTA DO MENGO, O ATLÉTICO ENFRENTAVA O BAHIA, EM SALVADOR, COM O OUVIDO NO RADINHO"

20/2/72 MARACANÃ (RIO DE JANEIRO)
FLAMENGO 0 X 0 INTERNACIONAL
J: José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 410 291
FLAMENGO: Ubirajara; Aluísio, Fred, Reyes e Paulo Henrique; Zé Mário e Liminha; Rogério, Doval (Zanata), Caio (Dionísio) e Paulo Césa Caju. **T:** Zagallo
INTERNACIONAL: Schneider, Édson Madureira, Figueroa, Pontes e Scotta; Carbone e Paulo César Carpegiani; Valdomiro, Bráulio (Sérgio), Manuel e Land (Arlem). **T:** Dino Sani

Aluísio garante atrás, Liminha
e Caio tabelam na frente:
é o campeão do povo

COM UM TIME DE GAROTOS, inclusive um certo Vanderlei Luxemburgo da Silva na lateral esquerda, o Flamengo conquistava seu primeiro estadual da década

78ª VITÓRIA

Desde 1912 os dois cruzam os bigodes. O tricolor tem mais títulos, o rubro-negro mais vitórias. Inclusive a última

>> POR TEIXEIRA HEIZER, FAUSTO NETO E ARISTÉLIO ANDRADE

Até o Cristo ganhou faixa. A torcida, na sua caminhada festiva para a Gávea, dividiu-se em duas: uma foi em busca do chope da vitória sensacional; outra subiu ao Corcovado para colocar no Redentor a faixa rubro-negra — Flamengo, supercampeão do Sesquicentenário.

O Rio não dormiu e amanheceu em festa. Quando Oscar Scolfaro (um juiz paulista) apitou pela última vez, a torcida deu início ao carnaval de 1973.

— Um, dois, três, Fluminense é freguês!

O campo invadido, o vestiário invadido, os bares invadidos, a cidade acordada.

A festa começou muito cedo. A torcida do Flamengo parecia adivinhar o que aconteceria após a partida dramática. Assim que os portões do Maracanã foram abertos, ela ocupou — pelo menos — três quartos do estádio.

André Richer, o presidente, veio da Alemanha correndo para assistir à final. E as lágrimas molhavam sua barba recém-cultivada.

— Eu não deixei que ele raspasse mais a barba depois de conquistarmos o primeiro turno. A superstição vingou (Flávio Soares de Moura, vice-presidente de futebol em 1965, quando o Flamengo conseguiu seu último título carioca).

Na euforia da vitória, com jogadores, técnico, torcedores e até cartolas irmanados dentro do campo, um homem não sabia se comemorava o título ou consolava o irmão: Chiquinho, o beque que o Botafogo dispensou e que acabou se transformando numa barreira para os atacantes adversários na fase final do campeonato. Chiquinho não sabia se corria com os companheiros para receber a ovação da torcida ou se ficava consolando Cafuringa, que chorava a derrota do seu Fluminense. O abraço dos dois foi comovente. E Cafuringa foi grande:

— Vai, Chico, vai comemorar. Você merece.

O hino do Flamengo cantado nas ruas. Homens, mulheres e crianças desmaiando no estádio. Janelas enfeitadas com bandeiras vermelhas e pretas. Na Gávea, o chope rolando firme, todo mundo querendo levar dos jogadores ao menos uma recordação.

Doval, outro maldito de épocas passadas, também desabafava:

— Voltei para mostrar o que sou e o que valho.

O gringo marcou o dele, confirmou sua liderança na artilharia, lutou o jogo todo, se machucou. Mas não admitia substituição. A festa era dele. Vicentinho, um menino ainda, agarrava-se à camisa nº 15, com que entrou no lugar de Rogério.

— Foi uma guerra defender essa camisa pra minha mãe.

Vanderlei, mais menino ainda, lançado no fogo para substituir Rodrigues Neto, falava com emoção em Bria, "meu grande conselheiro", e em Joubert, "sempre confiou em mim".

Ao lado da euforia, uma passeata de silêncio: a torcida do Fluminense.

— É não deu. O Flamengo teve duas oportunidades e aproveitou bem. Nós tivemos também e não marcamos. Futebol é assim mesmo (Gérson).

Sete rubro-negros não puderam também festejar o título. Eles foram presos na geral quando paqueravam uma mulata sensacional. Mas não há de ser nada; quando o delegado soltar — que eles não cometeram crime tão grave assim —, vão sair cantando:

— Flamengo, Flamengo, sua glória é lutar/ Flamengo, Flamengo, campeão de terra e mar!

"SETE RUBRO-NEGROS NÃO PUDERAM TAMBÉM FESTEJAR O TÍTULO. ELES FORAM PRESOS NA GERAL QUANDO PAQUERAVAM UMA MULATA SENSACIONAL. MAS NÃO HÁ DE SER NADA"

7/9/72 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 2 X 1 FLUMINENSE

J: Oscar Scolfaro (SP); **R:** Cr$ 1 456 115; **P:** 136 829; **G:** Doval 23, Caio 38 do 1º; Jair 15 do 2º; **E:** Moreira

FLAMENGO: Renato, Moreira, Chiquinho Reyes (Tinho) e Vanderlei; Liminha e Zé Mário; Rogério (Vicentinho), Caio, Doval e Paulo César Caju. **T:** Zagallo

FLUMINENSE: Félix, Oliveira (Toninho), Ari Ercílio, Assis e Marco Antônio; Denílson (Ivair) e Gérson; Cafuringa, Didi, Jair e Lula. **T:** Pinheiro

Paulo César dispara a canhota: o Flu já ficou para trás

UM IMPRESSIONANTE PÚBLICO de 165 mil pessoas viu o Flamengo ser campeão no último campeonato do antigo Estado da Guanabara

JOVEM MENGO, TÍTULO AO POVÃO

Começou a fusão a valer: a festa do Mengão começou no Rio e foi acabar em Niterói, com muito samba e cerveja

» POR ARISTÉLIO ANDRADE

Foi uma final irretocável para um campeonato sensacional. Perfeita em todos os detalhes: ao fim dos 90 minutos, qualquer que fosse o resultado, sairia o campeão. E o Flamengo, mais raça e gana do que nunca, soube fazer prevalecer a vantagem que levou a campo: a de poder empatar. Mas nem por isso jogou medrosamente. Respondeu a cada ataque do Vasco com outro ataque, a cada oportunidade de gol com outra. O título ficou bem com os garotos do Flamengo, que mostraram uma alma sem tamanho na hora da decisão.

Ao Vasco cabe um elogio que não poderia ser maior: ele manteve a torcida do Flamengo calada e sofrida até quase o fim da partida.

Talvez a crônica do futebol carioca não registre uma final tão emocionante, tão grandiosa, tão sofrida e tão povo como a de domingo. Não houve recorde de público, mas as portas do estádio foram fechadas antes de a partida começar. Assim mesmo, 165 358 pessoas pagaram ingresso. E para um jogo tão grande o Maracanã ficou pequeno, do tamanho de um campinho de interior.

Nessa final, tensa, quente, realizada numa tarde de mormaço, com uma temperatura que oscilava entre 36 e 38 graus, morreu pelo menos um torcedor, traído pelo coração: João José de Sousa, vascaíno, que chegou a ser atendido no Hospital Miguel Couto, depois que deixou o estádio, passando mal. Se outros não morreram, pelo menos ficaram silenciosos diante de uma tensão incrível: em determinados momentos podia-se ouvir o impacto do pé na bola, na hora de um chute mais forte.

Vez por outra, um grupo tentava animar seu time, mas seus gritos eram recebidos com vaias pela torcida contrária. O mais era silêncio, atenção a cada lance, a explosão contida numa falta não marcada.

Foi assim durante todo o primeiro tempo. Assim começou o segundo. A torcida do Flamengo só explodiu ao sentir que a meninada sustentaria o empate, custasse o que custasse. O carnaval começou com o tradicional "Tá chegando a hora" e entrou pela noite, por toda a cidade, animado por blocos improvisados.

Todos tinham um nó na garganta. Até mesmo a entrada em campo dos dois times poderia ser mais apoteótica. Foi apenas genial. O Flamengo entrou primeiro, com vários jovens carregando uma faixa com um "Feliz Natal" para a torcida. Mal a massa rubro-negra se calara, surgiu o Vasco. Também saudado entusiasticamente. Mas longe do que se poderia esperar. É que as duas torcidas tinham medo. E preferiram aguardar os acontecimentos.

Na altura dos 40 minutos, a galera rubro-negra começou a cantar. Foi quando aconteceu o último lance de sensação para o Vasco: o chute foi rasteiro e violento, acompanhado de perto por Roberto — mas Renato defendeu firme. Depois do lance surgiu o grito que marcaria a festa: "É campeão!"

E não parou mais. Nem mesmo quando a Polícia Militar, sem qualquer sucesso, tentou impedir a invasão do campo.

A torcida permaneceu na arquibancada até o último jogador sumir na boca do vestiário. E muitos vascaínos também ficaram para ver a volta olímpica da garotada rubro-negra, com o veterano Luís Carlos (um ex-jogador corintiano e torcedor corintiano) à frente levando a Taça Estado da Guanabara, pela última vez disputada, e muito propriamente do Flamengo para todo o sempre.

"NESSA FINAL, TENSA, QUENTE, REALIZADA NUMA TARDE DE MORMAÇO, COM UMA TEMPERATURA QUE OSCILAVA ENTRE 36 E 38 GRAUS, MORREU PELO MENOS UM TORCEDOR, TRAÍDO PELO CORAÇÃO"

22/12/74 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 0 X 0 VASCO
J: Arnaldo César Coelho;
R: Cr$ 2 752 877,50; **P:** 165 358
FLAMENGO: Renato, Júnior, Jaime, Luís Carlos e Rodrigues Neto; Zé Mário e Geraldo; Paulinho, Édson, Zico e Julinho (Ivanir). **T:** Joubert
VASCO: Andrada, Fidélis, Miguel, Moisés e Alfinete; Alcir e Zanata; Jorginho Carvoeiro, Luís Carlos (Jair Pereira), Roberto e Galdino (Bill). **T:** Mário Travaglini

Acabou a tensão: o Flamengo é de novo campeão

A PERDA DO CRAQUE FOI UM CHOQUE. Em sua homenagem, o Flamengo jogou com calções negros (coisa rara então) alguns jogos e foi disputado até um jogo beneficente, Flamengo 2 x 0 Seleção Brasileira. Os tricampeões de 70 jogaram

PAROU O CORAÇÃO DO FLAMENGO

Era uma simples operação de amígdalas. Mas a inesperada, rara reação à anestesia local matou Geraldo. E ele tinha só 22 anos, um futebol de craque, um coração de menino incompreendido em seu jeito de viver

>> POR RAUL QUADROS

Calou o assovio. Acabaram-se as brincadeiras com Zico. Pintinho perdeu seu grande amigo. Acabou tudo. Aos 22 anos, o coração de Geraldo parou. Foi-se o moleque. Foi-se o craque do Flamengo, íntimo da bola, sua única alegria de viver.

Morreu na sala de operações — uma simples operação de amígdalas, com anestesia local. E foi uma reação alérgica à anestesia que o matou. O próprio otorrino Wílson Junqueira aplicou a infiltração de xilocaína. Teve tempo ainda de realizar a cirurgia, mas logo Geraldo começou a passar mal, com problemas respiratórios.

Foi longa a luta dos médicos. Geraldo teve uma parada cardíaca. Fizeram-lhe uma injeção no coração, aplicaram-lhe choques elétricos, reanimou-se. Por pouco tempo: a segunda parada cardíaca foi definitiva, fatal. Às 10h da quinta-feira passada, uma hora e meia depois de iniciada a operação, Geraldo Cleofas Dias Alves estava morto.

Era um menino tímido, apaixonado pela bola. Se tinha problemas de relacionamento com o técnico, com os dirigentes, dava-se muito bem com os companheiros e se refugiava nas lembranças de seu tempo de garoto em sua pequena Barão de Cocais, cidadezinha de 5 mil habitantes perto de Belo Horizonte.

— Depois do banho de rio a gente ia para a igreja. Assistíamos à missa, comungávamos e, como prêmio, padre Eurílio deixava a gente jogar uma pelada no campinho de terra da igreja. À noitinha, a reunião era na praça principal da cidade, para ouvir as músicas do Roberto Carlos. Desajeitado em seu 1,78 m, Geraldo vivia com as mãos meio enfiadas nos bolsos da calça jeans, camisa aberta no peito, deixando à mostra o cordão com medalhinha de Nossa Senhora, caminhar gingado.

Defendendo o Flamengo sofreu um descolamento da retina, ainda juvenil. E continuou jogando, porque gostava e porque precisava. E porque havia quem acreditasse em seu futebol, como o falecido José Nogueira, o homem que não o deixou largar tudo depois das primeiras decepções. Ou como Oswaldo Brandão, que o convocou para a Seleção e lhe deu novas perspectivas no futebol.

Geraldo só foi velado no salão nobre devido à interferência firme do conselheiro Flávio Soares de Moura, pois essa homenagem é, pelos estatutos, reservada aos grandes beneméritos do clube.

Foi chorado como tal por torcedores e jogadores de todos os times do Rio. E por Serginho, enfermeiro do Flamengo.

— Ele não queria operar. Na quarta-feira ele foi comigo à clínica, mas não havia médico disponível. No dia seguinte, nos encontramos às sete da manhã, na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Assistimos à missa e às oito estávamos na clínica Rio Cor. Geraldo pedia pelo amor de Deus que eu não o deixasse sozinho. Só não assisti à operação porque não tive coragem. Parece que ele estava adivinhando.

Às 8h30 começou a operação; às 10h ele estava morto. Na sexta-feira foi enterrado em Barão de Cocais, onde nascera a 16 de abril de 1954 e onde sua família continuará recebendo até abril de 1977, quando terminaria seu contrato com o Flamengo, seu salário de 25 mil cruzeiros mensais. Nem a família nem o futebol se sentirão pagos sem a presença de Geraldo.

"MORREU NA SALA DE OPERAÇÕES — UMA SIMPLES OPERAÇÃO DE AMÍGDALAS, COM ANESTESIA LOCAL. E FOI UMA REAÇÃO ALÉRGICA À ANESTESIA QUE O MATOU"

Peito estufado, olho na bola: a classe de Geraldo era óbvia

O VASCO ENTROU COM A VANTAGEM do empate na final do segundo turno. Se o Flamengo vencesse, seria campeão. Zico cobrou escanteio, Rondinelli subiu...

UM FLAMENGO ARRASADOR PARA CHORAR DE ALEGRIA

O Fla buscou a vitória incansavelmente e a encontrou numa magistral cabeçada de Rondinelli, quando à torcida parecia impossível vencer o paredão Leão

>> POR NELSON SILVA

Flamengo campeão legítimo, de fato e de direito. E, se alguém procurar um campeão moral, foi também o Fla — que buscou a vitória incansavelmente, desde o primeiro minuto, e a encontrou numa magistral cabeçada de Rondinelli, aos 41 do tempo final, quando à torcida parecia impossível vencer o paredão Leão, a maior figura em campo.

Quando se anunciou, momentos antes do início, que Cláudio Adão não jogaria, estabeleceu-se uma vantagem teórica para o Vasco na cabeça de todo mundo. Era o artilheiro (empatado com Zico e Roberto) fora de jogo, substituído por Cléber, mais de meio-campo, pouco de jogadas ofensivas, de gol.

Mas foi aí que o Fla começou a ganhar o jogo, porque Zico jogou bem na frente, ajudado por Adílio e Marcinho, enquanto Carpegiani dominava amplamente o seu setor e empurrava o time para a frente, para o triunfo.

Leão, que logo aos 2 do primeiro defendeu uma cabeçada de Zico com endereço certo, voltou a brilhar aos 14, quando o mesmo Zico envolveu três adversários e chutou forte da entrada da área. Leão mergulhou e pegou firme a bola rasteira, numa defesa dificílima.

E todos se convenceram de que era dia de Leão quando Gaúcho, ao tentar cortar o arremesso de Tita, chutou forte no canto esquerdo do goleiro, que, no puro reflexo, mergulhou e desviou a córner.

O juiz já estava marcado pela galera do Fla, por não marcar as faltas próximas à área, mas piorou a situação quando aceitou o impedimento acusado pelo bandeirinha — e todos os jogadores ainda estavam em seu próprio campo. O coro de "é marmelada" parece ter mexido com os brios também do juiz, que deu cartão amarelo a Marco Antônio e logo depois a Cléber, ambos por faltas violentas. Mas, logo em seguida, aos 42, Tita foi derrubado na área e nada feito. Já nos descontos, Roberto invadiu pela esquerda e proporcionou a Cantarele a sua única defesa difícil no primeiro tempo.

Ramón, muito bem marcado e aparentemente sem condições físicas ideais, foi substituído por Paulinho, mas o panorama da partida não se modificou. O Fla continuou a prevalecer no meio-campo, onde Carpegiani dava as cartas. Toninho, por sua vez, passou a participar mais das manobras ofensivas, embora afrouxando a marcação sobre Paulinho. Acontece que o Fla precisava arriscar e arriscava.

Zico desperdiçou duas faltas, chutando uma na barreira e outra por cima, mas era um pesadelo permanente para a defesa do Vasco. Eli Carlos entrou no lugar de Cléber aos 21, passando a jogar adiantado. A pressão do Fla aumentou e, aos 26, Zico chutou à queima-roupa e a bola bateu com violência em Leão, que se jogara valentemente.

Aos 41, gol da vitória. Zico cobrou o córner pela direita, Rondinelli saltou mais do que os zagueiros adversários e testou forte, a meia altura, para o canto direito de Leão, que ainda foi nela, sem êxito.

A explosão seguiu-se em carnaval. No reinicio, cartão para Rondinelli e expulsão de Zico e Guina, que trocaram bofetões. Com o jogo parado, faltando ainda uns minutinhos, os alto-falantes do Maracanã tocaram o hino do Flamengo.

A torcida já não se continha, Leão ameaçava perder a paciência, as bandeiras do Vasco enrolavam-se, sua torcida sumia.

E a volta olímpica, todos os campeões de mãos dadas, sob aplausos incríveis, foi de emocionar, de arrepiar, de chorar.

"ZICO DESPERDIÇOU DUAS FALTAS, CHUTANDO UMA NA BARREIRA E OUTRA POR CIMA, MAS ERA UM PESADELO PERMANENTE PARA A DEFESA DO VASCO"

3/12/1978 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 1 X O VASCO

J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 6 642 210; **P:** 120 433; **G:** Rondinelli 41 do 2º; **CA:** Marco Antônio, Cléber, Rondinelli, Leão e Roberto; **E:** Guina e Zico

FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Manguito, Rondinelli e Júnior; Paulo César Carpegiani, Adílio e Zico; Marcinho, Cléber (Eli Carlos) e Tita (Alberto). **T:** Cláudio Coutinho

VASCO: Leão, Orlando, Abel, Gaúcho e Marco Antônio; Helinho, Guina e Paulo Roberto; Wilsinho (Paulo César), Roberto e Ramón (Paulinho). **T:** Orlando Fantoni

Carpegiani, com a faixa já ultrapassada de campeão da Taça Guanabara, ergue a taça do estadual

HAVERIA DOIS ESTADUAIS EM 1979, um deles considerado "especial", por pressão dos clubes do interior. Não importava: o Flamengo venceria ambos com facilidade

INVICTO! COMO A GALERA QUERIA

E todos os méritos desse empate com o Botafogo, que teve sabor de uma grande vitória, vão para Zico, que marcou dois gols belíssimos, garantindo até o fim a invencibilidade do Fla

» POR MILTON COSTA CARVALHO

— O que vou fazer? Primeiro, vou para casa beijar o Júnior, botar esta faixa nele. Depois vou sair por aí, comemorando o nosso bi.

O Maracanã inteiro ainda gritava por Zico quando ele pensou em seu filho, o Júnior, em presenteá-lo com aquela faixa suada, bonita, histórica. O título estava garantido desde a véspera, mas o empate com o Botafogo foi muito importante. Não fosse ele o responsável pela invencibilidade do Flamengo, com dois gols belíssimos.

Ainda em campo, após o jogo, Zico ficou emocionado. A torcida, reconhecendo nele o maoir ídolo, o maior goleador do clube em todos os tempos, não se cansava de saudá-lo:

— Joga a camisa, a chuteira, a sunga, a meia!

Todos queriam sair do Maracanã com uma lembrança do herói da tarde.

— Eu me dou todo se for possível. O que eu queria mesmo era me jogar aí na geral, no meio da massa, pular com ela. Mas já pensou o risco?

Antes do jogo, preparando-se para entrar no vestiário, Zico já recebia o carinho do povo. Um torcedor, de cima de uma bicicleta, na camisa o retrato do ídolo e na gaiola um canário chamado Ziquinho, explicava seu pranto:

— É emoção, Zico. Eu gosto mais de você que seu pai, sua mãe, sua Sandra. Você é tudo pra mim.

Foi um dos poucos momentos em que Zico parou, refletiu e não escondeu os olhos molhados. Virou para Rondinelli e disse:

— Já viu a minha responsabilidade? Esse estádio todo está esperando tudo de mim.

E foi por isso que Zico jogou com alta classe, às vezes com raiva. No final, vendo a festa, sentia-se recompensado. Tanto que, ao posar para uma foto junto ao resto do time, não teve a menor cerimônia em puxar a taça da mão do presidente da federação, Otávio Pinto Guimarães, que insistia em levantá-la e exibi-la para os fotógrafos, distribuindo largos sorrisos.

— Por que eu corri para o banco no segundo gol? Estava com raiva, irmão. Primeiro, a cotovelada de Perivaldo no meio-campo. Depois, Renê lá na área, mostrando as travas da chuteira. Não tive outro jeito, foi tudo questão de segundos. Antes que ele desse um chutão, meti o bico da chuteira na bola e fiz o gol. Um gol típico de futebol de salão. Não fosse eu um mestre das quadras...

No vestiário, Zico estava nervoso, falante. Não via a hora de chegar em casa e brincar com Júnior (1 ano e 6 meses) e Bruno (6 meses).

— O que eu gritei para a defesa? Que não avançasse tanto. Enlouqueceram com o empate e queriam descontar. Não foi melhor que correr o risco de perder a invencibilidade?

Zico foi um dos últimos a deixar o vestiário, ficou esperando que a galera se acalmasse. Pouco adiantou. Ao sair, um beijo rápido na mulher Sandra. Depois, a chegada em casa, o beijo nos filhos e ótimas lembranças:

— Fui torcedor de arquibancada, conheço toda essa emoção, não é Sandra? Lembra de 1972? Você levou uma pilha no rosto. Eu tinha acabado de marcar dois gols pelo juvenil e subi para a arquibancada. Naquele tempo, só substituía o Doval. Hoje, é isso aí: sou ídolo da minha galera, do meu time de coração.

"ANTES DO JOGO, ZICO JÁ RECEBIA O CARINHO DE UM TORCEDOR, DE CIMA DE UMA BICICLETA, NA CAMISA O RETRATO DO ÍDOLO E NA GAIOLA UM CANÁRIO CHAMADO ZIQUINHO"

29/4/79 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 2 X 2 BOTAFOGO

J: Valquir Pimentel; **R:** Cr$ 8 297 685; **P:** 158 477; **G:** Zico 32 e 45, Gil 39 do 1º; Luisinho Lemos 7 do 2º; **CA:** Perivaldo, Luisinho Lemos e Toninho

FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Rondinelli, Nélson e Júnior; Paulo César Carpegiani (Andrade), Adílio e Zico; Luisinho (Cláudio Adão), Reinaldo e Tita.

T: Cláudio Coutinho

BOTAFOGO: Luís Carlos, Perivaldo, Osmar, Renê e China; Wecsley, Chiquinho e Renato Sá; Gil (Dé), Luisinho Lemos e Clóvis.

Zico passa por Wecsley: fecho de ouro na campanha

UMA DECISÃO EMPOLGANTE, no Maracanã tão cheio que o jogo acabou sendo transmitido pela TV para o Rio (o que era pouco comum). Mas o tri seria garantido mesmo dias depois

DOMINGO É DIA DE TRI-TRI

O primeiro tri foi em 1942/43/44; o segundo em 1953/54/55. Agora, o Mengo está próximo de repetir a dose — e com todos os méritos. Provou isso vencendo o Vasco e mostrando um futebol altamente competitivo

POR ARISTÉLIO ANDRADE

O Flamengo está com a mão na taça. Domingo que vem, dependendo do resultado de Vasco e Fluminense, no sábado, o Fla poderá pisar no Maracanã com a faixa de tricampeão.

Para chegar a essa posição privilegiada, o Flamengo precisou lutar muito. Luta que Coutinho, no vestiário depois da vitória sobre o Vasco por 3 x 2, comparava a uma disputa de boxe. No primeiro assalto, o Flamengo estava lépido, fogoso, enfrentando um adversário combativo e dono de uma canhota arrasadora. Flamengo colheu um golpe de sorte, um direto no queixo: Júlio César desceu pela esquerda e cruzou para Cláudio Adão, que entrava na corrida. Na tentativa de cortar o passe, Ivã chutou contra as próprias redes.

O golpe deixou o Vasco completamente grogue. O gol de Tita, logo em seguida, deveria jogar o adversário na lona definitivamente, mas acabou produzindo efeito contrário. Pois com os 2 x 0 favoráveis ao inimigo, o Vasco saiu para a briga franca. Os cuidados com a defesa foram abandonados.

A ousadia acabou sendo coroada de pleno sucesso antes mesmo que José Roberto Wright terminasse o primeiro tempo de um jogo muito corrido, nervoso e catimbado. Os jogadores do Vasco tornaram-se gigantes dentro de campo e foram acuar o Flamengo em seu córner. Primeiro veio o gol de Roberto, depois o de Catinha — e o panorama da partida se inverteu totalmente. Agora era o Flamengo que baixava a guarda, procurava o clinche. Até que Wright encerrou a primeira etapa — e o apito soou como o gongo salvador.

Só Toninho, ao final da partida, não concordava:

— Salvo pelo gongo uma ova! O Vasco não fez nada. Esse pessoal tem de entender que o Flamengo ainda é melhor. O resto é resto. É o bagaço.

Júnior não acompanhou o entusiasmo de Toninho:

— A verdade é que depois dos 2 x 0 o Flamengo perdeu o conjunto, passou a jogar individualmente, pecando na marcação. Ficou um time desatento. Veja quantos gols nós perdemos por pura bobeira. E os que levamos, então?

Tudo isso foi analisado no vestiário e o Fla partiu para o segundo tempo como se estivesse iniciando o jogo. Este foi um jogo ganho no vestiário, não há dúvida. Coutinho soube armar o time para o segundo tempo — é dele a comparação com uma luta de boxe:

— Sabíamos que o adversário viria com tudo pra cima de nós. Seria perfeitamente normal e esperado. O Flamengo saiu grogue do primeiro assalto e seria normal que o Vasco tentasse nocaute logo no início do segundo. Tínhamos de sair para as esquivas, muito jogo de pernas, e esperar uma brecha na defesa do Vasco.

Para desespero de Oto Glória, a brecha surgiu no único instante em que Wilsinho deixou de fazer o que lhe foi recomendado:

— Disse a ele para não deixar Toninho cruzar livremente. Pois, na primeira e única oportunidade que teve, Toninho cruzou para Tita cabecear e marcar aquele que seria o terceiro gol. Foi uma infelicidade.

O terceiro gol foi o que se pode chamar de golpe de misericórdia e surgiu, curiosamente, no momento em que o domínio do Vasco da Gama era evidente. Daquele momento em diante, o Flamengo teve o adversário em suas mão. E só não fez mais gols porque também já demonstrava evidentes sinais de cansaço.

Para Márcio Braga, a vitória foi uma benção de São Judas. No seu dia, 28 de outubro, São Judas recebeu de manhã a delegação do Flamengo, que foi rezar e pedir-lhe pelo tricampeonato. Amém.

"JÚLIO CÉSAR DESCEU PELA ESQUERDA E CRUZOU PARA CLÁUDIO ADÃO, QUE ENTRAVA NA CORRIDA. NA TENTATIVA DE CORTAR O PASSE, IVÃ CHUTOU CONTRA AS PRÓPRIAS REDES"

28/10/79 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 3 X 2 VASCO

J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 9 072 900; **P:** 115 934; **G:** Ivã (contra) 11, Tita 21, Roberto 38 e Catinha 43 do 1º; Tita 20º do 2º
FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Rondinelli, Manguito e Júnior; Paulo César Carpegiani, Adílio e Tita; Reinaldo, Cláudio Adão e Júlio César (Andrade). **T:** Cláudio Coutinho
VASCO: Leão, Orlando, Gaúcho, Ivã e Marco Antônio; Zé Mário, Guina e Dudu (Xaxá); Catinha, Roberto e Wilsinho (Paulinho).
T: Oto Glória

Leão rebate nos pés de Tita, que marca: Flamengo 2 x 0

ZICO CONQUISTA SEU PRIMEIRO título brasileiro numa final eletrizante. Os repórteres de PLACAR Marcelo Rezende (hoje apresentador da TV Globo) e Mílton Costa Carvalho contam tudo de um ângulo raro — de quem presenciou a decisão à beira do campo

MENGÃO É BRASIL CAMPEÃO

A maior torcida do país está em festa. Do Rio parte um grito emocionado que há muito estava atravessado na garganta de uma nação: "O Mengo é campeão". Vibra, galera! >> POR MARCELO REZENDE E MÍLTON COSTA CARVALHO

Este é um jogo que ninguém — lá da arquibancada, pela tevê ou rádio— viu, ouviu ou assistiu.

Começa a partida. O Flamengo parte para a primeira falta, prometida por Tita: um pontapé no joelho de Jorge Valença. Éder corre, Nunes também:

— Calma — diz Nunes — que aqui é o Maracanã e te meto porrada.

São três minutos e o Atlético desce para o ataque. Júnior acerta a perna de Chicão, que retruca:

— Não avança não, filho da ..., que vou te pegar.

Nunes passa perto de Osmar para lembrar-lhe "daquela palhaçada do Mineirão" e prometer vingança. Agora são 7 minutos. Osmar avança e João Leite grita desesperado: "Volta, pelo amor de Deus!" A bola é lançada para Nunes e João Leite abandona o gol berrando para assustar o atacante. Esforço inútil: Nunes toca para as redes e sai gritando um palavrão. Agora é o Galo que ataca e, num chute de Reinaldo, empata o jogo. É a vez de Carpegiani se desesperar:

— Onde está a cobertura dessa merda?

Júnior balança a cabeça. Raul incentiva e protesta:

— Aqui não tem homem? Isso não é gol que se tome. Vamos entrar firme, dar porrada. Cadê os homens?

Corre a partida. Chicão manda pôr na roda, Chicão pega Zico, que reage:

— Olha aqui, se me pegar de novo eu te quebro. Vai pra...

Chicão coloca o dedo na cara de Zico:

— Sossega, guri.

O Fla está acuado. Quarenta minutos. Nunes pega Luizinho — o zagueiro será substituído no segundo tempo por causa dessa entrada na perna. Falta de Valença em Tita. Chicão chama Valença para a área, enquanto Osmar pede a atenção de Cerezo na marcação de Zico. Mas o Galinho aparece só na área e, de virada, faz 2 x 1.

Começa o segundo tempo e Osmar acena para o banco, sai. Aos 16 minutos, Raul pega uma bola nos pés de Palhinha, que toca de leve com a bola na cabeça do goleiro:

— O juiz tá prejudicando a gente. Segura o teu pessoal senão o jogo mela.

Raul:

— Isso é guerra. Adoro você mas não entro nessa catimba.

Outro gol de Reinaldo — machucado, capenga, ele empata o jogo. Instala-se uma crise na defesa do Flamengo. Um xinga o outro, Zico grita:

— Agora vamos ganhar. Quero um time de macho. Nesta porra mando eu.

O time avança. Zico grita com Júlio César para marcar, ordena que Adílio seja mais rápido. Reinaldo cai em campo — sente o músculo, faz cera, xinga a mãe do juiz.

José de Assis Aragão revida:

— Quebro a cara desse moleque. Tá expulso!

Do túnel, Reinaldo adverte:

— Cuidado, vai ser gol! Faz a falta em Nunes. Mata ele, Silvestre!

Nunes invade, Silvestre hesita. João Leite grita:

— Quebra ele, pega firme!

Gol de Nunes, o gol do título. Em seguida, Chicão é expulso. Palhinha, também:

— Tá satisfeito, seu juiz de merda? Você queria o Flamengo, não é mesmo?

Nunes ri:

— Calma, garotada, que agora é que a festa vai começar.

Zico emenda:

— Vai tomar seu banhinho lá dentro e deixa o campeão dar seu baile.

"'SOSSEGA, GURI.' É CHICÃO AMEAÇANDO ZICO. 'AQUI É MARACANÃ, TE DOU PORRADA'. É NUNES INTIMIDANDO ÉDER. ASSIM FOI A DECISÃO, LÁ DENTRO"

1/6/80 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 3 X 2 ATLÉTICO-MG

J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cr$ 19 726 210,00; **P:** 154 355; **G:** Nunes 7, Reinaldo 8 e Zico 44 do 1º; Reinaldo 21 e Nunes 37 do 2º; **E:** Reinaldo, Chicão e Palhinha

FLAMENGO: Raul, Toninho, Manguito, Marinho e Júnior; Andrade, Carpegiani (Adílio) e Zico; Tita, Nunes e Júlio César (Carlos Alberto). **T:** Cláudio Coutinho

ATLÉTICO-MG: João Leite, Orlando (Silvestre), Osmar, Luisinho (Geraldo) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder.
T: Procópio Cardoso

Nunes comemora: "Calma, agora é que a festa vai começar"

A VINGANÇA DA GOLEADA IMPOSTA pelo rival viria nove anos depois. Com uma ironia a mais: do lado de lá, estava Jairzinho, um dos responsáveis pela humilhação de 1972

QUE DELÍCIA DE VINGANÇA!

Flamengo 6 x 0 Botafogo. Uma vitória memorável, que elevou aos céus a galera rubro-negra

>> POR MARCELO REZENDE

Difícil explicar essa sensação de ganhador, essa superioridade, esse certo ar de intocabilidade que o futebol nos presenteia nos momentos de vitória. É como se a alma se tornasse maior que os limites físicos do corpo. O que toma conta da gente não é apenas alegria, paixão, euforia — é mais. É afirmação, fúria incontida.

Ainda mais quando a vitória é de 6 x 0. Cria-se, como por mágica, um ambiente de frenesi. Ali a meu lado, a torcida do Flamengo — entalada há nove anos com 6 x 0 (15/11/1972) — vai à forra diante do Botafogo. É o momento de inspiração e luz de um grande clássico.

Nem bem o Flamengo fez 1 x 0, logo aos 6 minutos, e os rubro-negros explodiram em coro: "Queremos seis, queremos seis, queremos seis!" A resposta veio na mesma hora: "6 x 0, 6 x 0, 6 x 0", eram os botafoguenses relembrando a vitória do longínquo 1972.

Naquele instante, os jogadores — de carne e osso como todos nós, forjados por emoções, frustrações e fraquezas — também sentiram no ar: "Esta não será uma partida comum." O ponta Tita chegou a se assustar. Ele, aos 13 anos, era o único jogador do Flamengo que estava presente no Maracanã naquele trágico 15 de novembro: "Eu tinha perdido a preliminar do dente-de-leite para o Botafogo por 1 x 0. Fiquei para assistir os profissionais e, a cada gol que levávamos, pensava: será que um dia eu desconto isso?"

E agora, neste domingo abafado, Tita ouve com nitidez: "Queremos seis, queremos seis!" Treme de emoção. Pega a bola e dispara contra a defesa alvinegra — se desequilibra, cai, se levanta e volta a correr. Em sua cabeça, nestes 10 minutos do primeiro tempo, só um pensamento: "Será hoje o grande momento?"

Só dá Flamengo — dois, três, quatro gols. Adílio, Júnior fazem o que bem entendem. O goleiro Paulo Sérgio grita. Mas todos de camisa preta e branca parecem sonâmbulos. Dizem no Rio que a torcida do Flamengo é a melhor e a pior. Melhor porque grita o tempo todo; pior porque, de tanto gritar, enerva o time, que passa a atacar desesperadamente. Seus gritos são loucos: "Queremos seis, queremos seis!"

Em campo, Adílio sofre pênalti. Zico vai bater — e olha para a imensa mancha preta e vermelha que cobre a arquibancada. Ele escapou por pouco daqueles 6 x 0 de 1972 — estava concentrado, mas acabou cortado pelo então técnico Zagallo: "Vai pra casa, Zico, que hoje não precisamos de você." Nesse momento, Zico recorda a frase de Zagallo e sorri, ninguém sabe por quê. "Ali, naquele instante, eu sabia que chegaríamos aos seis. Minha dúvida era se passaríamos disso." Em campo, o grito de Júnior parece sem sentido: "Corram, corram!"

Todos estavam correndo, mas Júnior queria mais. Afinal, ele estava completando exatas 500 partidas com a camisa do Flamengo. Faltam cinco minutos. Muitos riem com os 5 x 0. Mas o grosso da galera exige mais um gol. A bola rebatida sobra para Andrade, que dispara um foguete. É o sexto.

Jairzinho, que entrou no Botafogo no segundo tempo esperando virar os 4 x 0, levanta os braços em desespero: "Não pode ser, é muita crueldade", lamenta-se o único sobrevivente daqueles 6 x 0 para o Botafogo, que ele ajudou a construir marcando três — um deles de letra.

Na alegria da torcida do Mengão, homens barbudos se beijam, desconhecidos se abraçam, até mesmo rolam pelo chão. Em cada rosto rubro-negro há um certo ar de superioridade, de imortalidade, de amor correspondido. Poucas vezes vi pessoas tão perto do céu sem tirar o pé da terra. Elas têm a coragem de quem torce para um time imbatível.

"FALTAM CINCO MINUTOS. MUITOS RIEM COM OS 5 X 0. MAS O GROSSO DA GALERA EXIGE MAIS UM GOL. A BOLA REBATIDA SOBRA PARA ANDRADE, QUE DISPARA UM FOGUETE"

8/11/82 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 6 X 0 BOTAFOGO

J: Édson Alcântara do Amorim (MG); **R:** Cr$ 15 031 600; **P:** 69 051; **G:** Nunes 7, Zico 27, Lico 33 e Adílio 40 do 1º. Zico (pênalti) 30 e Andrade 42 do 2º; **CA:** Júnior e Perivaldo
FLAMENGO: Raul, Leandro, Figueiredo, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Lico. **T:** Paulo César Carpegiani
BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Osvaldo e Jorge Luiz; Rocha, Mendonça e Ademir Lobo; Édson (Jairzinho), Mirandinha e Ziza.
T: Paulinho de Almeida

Ninguém podia acreditar: Andrade pôs o 6 no placar do Maracanã

A TAÇA SÓ VEIO NA TERCEIRA PARTIDA, disputada em campo neutro, em Montevidéu. E o time não perdeu a chance de dar o troco na violência mostrada pelos chilenos em Santiago

AGORA, O MUNDO!

Com sacrifício e sangue, o Mengo é o dono da América. Que venha o Liverpool

>> POR MARCELO REZENDE

A cruel batalha de Santiago deixou marcas para sempre nos rostos de Adílio e Lico, covardemente agredidos pelo afiado anel do zagueiro chileno Mario Soto. Mas, como se fossem dois libertadores da América, o sangue dos heróis não foi derramado em vão. Na mesma noite de sexta-feira, em que o Flamengo perdeu para o Cobreloa por 1 x 0, Zico — acompanhado de Raul e Júnior — foi visitar os companheiros, que gemiam de dor, e em nome do elenco fez um juramento solene, emocionado: "Firmamos um pacto para vingar cada gota desse sangue. Nossa desforra será a vitória."

Em Montevidéu, no Estádio Centenário, Zico não precisou de muito tempo para cumprir sua vingança — que era a vingança do Brasil inteiro. Aos 17 minutos, após receber um passe adocicado de Andrade, ele bateu de virada e fez 1 x 0. Bem antes disso, já era possível notar um Flamengo bem diferente daquele time medroso e retrancado que tentara empatar no Chile, e, por isso mesmo, sem falar da violência do adversário, perdeu. Segunda-feira, não. O Mengão resolveu jogar tudo o que sabe. E, quando precisou, deu pontapé.

E poderia ter sido mais, muito mais. Ao primeiro gol se sucederam pelo menos mais quatro grandes chances. Absolutamente dominado, o Cobreloa mais uma vez apelava para a violência. Aos 25, depois de uma entrada criminosa em Adílio, Alarcón foi expulso pela corretíssima arbitragem do uruguaio Roque Cerullo. Com um homem a mais, o Flamengo assumiu definitivamente o controle da partida.

Este panorama, todavia, só durou mais 10 minutos. Aos 35, infantilmente, Andrade entrou nas pernas de um chileno e também ele acabou levando cartão vermelho. A expulsão, não é exagero afirmar, prejudicou duplamente o Flamengo. Primeiro, porque tirou do campo uma peça importantíssima do esquema do técnico Carpegiani; segundo, porque despertou os chilenos, que pareciam irremediavelmente batidos em campo.

Dali, até o final do primeiro tempo, o Brasil inteiro manteve a respiração presa diante de milhões de aparelhos de televisão. Veio o segundo tempo e as chances desperdiçadas, de lado a lado, antecipavam mais angústia, mais sofrimento.

Mas eis que, de repente, um contra-ataque rápido do Flamengo obriga o goleiro Wirth a defender com a mão fora da área, bem próximo da meia-lua. Era o momento tão esperado. Zico ajeita e todos se recordam de suas cobranças mágicas, a bola viajando em curva no ar para morrer mansamente nas redes. E repete-se, agora com o gosto de vingança, a cena tantas vezes aplaudida. Um toque preciso de pé direito dá início à grande festa.

Pouco importa que, nos 13 minutos restantes, os chilenos estivessem perto de diminuir a vantagem. Ou que o clima de guerra acabasse degenerando em mais agressões e na expulsão de Anselmo, Mario Soto e Jiménez. Acima de tudo isso, pairava a alma rubro-negra — guerreira, que não se acovarda diante da violência; ganhadora, que joga futebol de campeão.

Assim que a partida terminou, Zico disparou, correndo em direção ao alegre banco do Flamengo, gritando, realizado e feliz: "Não falei? Não falei que a vitória seria nossa vingança? Se o Andrade não é expulso, metemos cinco nesses gringos! Agora, ninguém segura mais o Flamengo. Ganhamos a Libertadores e seremos campeões do mundo!"

"JÁ ERA POSSÍVEL NOTAR UM FLAMENGO BEM DIFERENTE DAQUELE TIME MEDROSO E RETRANCADO QUE TENTARA EMPATAR NO CHILE, E, POR ISSO MESMO, SEM FALAR DA VIOLÊNCIA DO ADVERSÁRIO, PERDEU"

23/11/81 CENTENARIO (MONTEVIDÉU)

FLAMENGO 2 X 0 COBRELOA

J: Roque Cerullo (Uruguai); **G:** Zico 17 do 1º e 31 do 2º; **CA:** Nei Dias, Júnior, Escobar e Siviero. **E:** Andrade, Anselmo, Alarcón, Jiménez e Mario Soto

FLAMENGO: Raul, Nei Dias, Marinho, Mozer e Júnior; Leandro, Andrade e Zico; Tita, Nunes (Anselmo) e Adílio. **T:** Paulo César Carpegiani

COBRELOA: Wirth, Tabile, Páez (Muñoz), Mario Soto e Escobar; Jiménez, Merello e Alarcón; Puebla, Siviero e Washington Oliveira. **T:** Vicente Cantatore

MARCELO REZENDE

Tita, Zico e Mozer após o jogo, e o Galinho em ação: atuação perfeita

ABALADO PELA RECENTE MORTE de seu ex-treinador Coutinho num acidente de mergulho, o Flamengo perdeu os dois primeiros jogos decisivos. Mas se recuperou a tempo

CAMPEÃO ATÉ MORRER!

"Vencer, vencer, vencer" – A frase do hino rubro-negro nunca foi tão verdadeira. Campeão carioca e da Libertadores, ao Fla só falta o título mundial

>> POR MARCELO REZENDE

E que festa foi o Maracanã nesses 2 x 1 do Mengo diante do Vasco. Quase 200 mil pessoas, quase 400 mil olhos a seguir bolas, pernas, cabeçadas, dribles. Quase 200 mil bocas a gritar gol, a vaiar, a fazer um "oh" de espanto a cada lance perdido, a cada bola rente à trave. Um eco de descarregar tensões, a liberar a emoção de uma final como manda o futebol: sofrida, corrida, de luta, onde o coração se impôs à razão. Mais de 100 mil bocas a saudar o Mengo, o campeão. Outros milhares de olhos a chorar um Vasco perdedor no marcador, mas também heróico pela garra e determinação.

Agarra Raul e cai no chão. Faz cera, esfria a partida. No marcador, 0 x 0. E a bola vem alta na área do Vasco. Nunes cabeceia, Zico salva o gol e, sem querer, dá o passe para Adílio chutar com o ódio mais lúcido do mundo: é gol! Santo gol. Zico corre, Roberto também: quer jogo.

Toca daqui, toca dali e Zico lança a Júnior uma bola quase perdida. Mas o lateral, esse mesmo que há três partidas entra com o joelho esquerdo machucado, acredita. Divide, no carrinho, com Mazarópi e a bola cai para Nunes. O artilheiro chuta pelo alto e alguém de preto e branco tenta salvar. Em vão: gol do Flamengo, gol de campeão. Gol da visão de Zico, do esforço rubro-negro de Júnior, da pontaria de Nunes. "Salve o Mengão, campeão carioca!", grita o cantor Jorge Ben.

Um desconhecido o cutuca, pede calma. Como gritar campeão se ali, do outro lado, está Roberto Dinamite? E está mesmo! Marinho tenta dominar a bola, erra pela primeira e única vez na partida. Roberto penetra pela esquerda e serve a Ticão. Gol do Vasco.

A torcida do Mengo cala — é a lembrança de quarta-feira que atordoa o pensamento de todos. E quase todos calam, menos um — um pretinho magricela, camisa rubro-negra às mãos, que surge e da geral invade o campo. Tumultua, apanha de Gilberto e Mazarópi. Nunes briga com os jogadores adversários para proteger o torcedor — ele, ídolo tantas vezes, agora torna-se fã daquele pretinho que transformou os últimos cinco minutos em apenas dois, que converteu aquela que poderia ser a reação do Vasco num tumulto, esfriando os ânimos de Roberto Dinamite e de seus companheiros.

Era a contribuição da torcida ao título. Torcida que não arreda pé do Maracanã e que, num comovente coro de mais de 100 mil vozes, passa a gritar o nome de Cláudio Coutinho, o criador desse fantástico time campeão.

No campo, enquanto Zico organiza a volta olímpica, enquanto Marinho fala do esforço que é parar Dinamite, enquanto Paulo César Carpegiani conta que mal dormiu essa última semana e que teve até mesmo de convocar seu irmão (o jogador Édson Carpegiani, do Botafogo) para conversas, madrugada adentro, sobre táticas, o grande lateral Júnior ouve a torcida gritar por Coutinho, tira sua camisa e chora:

— Essa camisa é para o Cascão, o filho do Coutinho.

Ao lado, pensando nas duas derrotas para o Vasco, a primeira depois da trágica morte de Cláudio Coutinho e a segunda debaixo de um temporal que matou quase cem pessoas no Rio, tento entender o que sente essa massa rubro-negra ao ser campeã mais uma vez.

Olho para Carpegiani agradecendo à torcida e confundo seu rosto com o de Cláudio Coutinho, que vi tantas vezes nesse mesmo gesto de campeão. Olho Carpegiani levantar os dois braços e vejo Cláudio Coutinho sorrindo e chorando para o seu povo.

E só nesse instante, só agora, descubro o que é ser Flamengo até morrer.

"QUASE TODOS CALAM, MENOS UM — UM PRETINHO MAGRICELA, CAMISA RUBRO-NEGRA ÀS MÃOS, QUE SURGE E DA GERAL INVADE O CAMPO. TUMULTUA, APANHA DE GILBERTO E MAZARÓPI"

ZEKA ARAÚJO

6/12/81 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 2 X 1 VASCO

J: Alvimar Gaspar dos Reis (MG);
R: Cr$ 51 539 600,00; **P:** 161 989; **G:** Adílio 20 e Nunes 24 do 1º; Ticão 38 do 2º;
CA: Zico, Roberto, Wilsinho, Marinho, Andrade, Raul e Chiquinho
FLAMENGO: Raul, Nei Dias, Marinho, Mozer e Júnior (Figueiredo); Andrade, Adílio e Zico; Lico (Chiquinho), Nunes e Leandro. **T:** Paulo César Carpegiani
VASCO: Mazarópi, Rosemiro, Serginho, Ivã e Gilberto; Dudu, Marquinho e Amauri (Ticão); Wilsinho, Roberto e Silvinho.
T: Antônio Lopes

O ladrilheiro entra em campo: minutos preciosos

Nunes: autor do gol que garantiu o título estadual

FOI MAIS FÁCIL DO QUE SE IMAGINAVA. No intervalo o Flamengo já vencia por 3 x 0, no amarelado gramado do estádio Nacional. A festa na madrugada brasileira podia começar

O CAMPEÃO CAMINHA PARA A ETERNIDADE

O título mundial fez mais do que inscrever, para sempre, o nome do Fla na história do futebol. Ensinou-lhe também a fórmula de perpetuar o sucesso

>> POR MARCELO REZENDE

Desde a memorável conquista do título mundial, uma suspeita persegue como sombra os jogadores do Flamengo: será que eles, amados em todo o país, resistirão à fama? Será que encontrarão motivação para os embates deméstícos, contra equipes infinitamente inferiores? Ou o time está saturado e prestes a entrar em decadência?

Semanas antes, no hotel Inn Hollywood, nos Estados Unidos — escala da viagem a Tóquio —, eu cometera o engano ao perguntar a amigos: "Vocês não acham que o Júnior anda meio esquisito, meio fechado?" Foi até engraçado porque, no mesmo instante, Júnior saiu do elevador, atabaque em punho, e convidou a todos nós para uma batucada:

"Olha, nem sei se vamos ser campeões mundiais. Mas, se ganharmos, garanto que nada mudará. Às vezes, as pessoas estranham o comportamento da gente porque não percebem uma coisa simples: estamos na fase em que o garoto vira adulto. Portanto, a mudança é natural. Do dia para a noite, passamos a ganhar mais dinheiro, nos tornamos ídolos. Isso mexe lá dentro e tem horas que a gente sente a necessidade de se fechar um pouco."

Disse isso e foi comandar a batucada, que aliás correu solta dali até o momento do jogo com o Liverpool. Na cabeça de todos, uma única preocupação: não se empolgar demais com a glória. Nessa difícil tarefa, quem desempenhou uma função decisiva foi o chamado "trio elétrico", formado por Raul, Júnior e Zico.

Os três, mesmo inconscientemente, ditam o comportamento geral. Fazem do ingênuo Peu — que noutro clube seria apenas um pobre reserva — a figura central das brincadeiras. Nesse clima de camaradagem e alto astral, há lugar até mesmo para personalidades mais complicadas, como a de Nunes, por exemplo, que nas viagens a Los Angeles e Tóquio preferiu ficar sozinho. Tudo bem, é seu jeito, todos respeitam. "No Flamengo, as pessoas entendem que sou desconfiado, arredio, e me deixam em paz."

No longo vôo de Los Angeles a Tóquio, Nunes seria responsável por mais um delicioso momento de humor: "Já estamos aqui dentro há mais de dez horas. Quando vai aparecer a lua?" Ninguém se deu ao trabalho de explicar os misteriosos poderes do fuso horário.

Em Tóquio, depois de se encantar com a beleza de um lago artificial no hotel, Peu saiu gritando pelos corredores e convidou os companheiros a verem os "peixinhos movidos a pilha". Era a última brincadeira. Dali para a frente, bola rolando. Estádio lotado, um sol dourado no céu, Júnior se animou: "Com esse tempo, sou Flamengo e dou um de vantagem." Não deu outra. Nunes abriu e fechou o marcador. Merecidamente foi eleito o melhor jogador, depois de Zico, que dizia humilde: "Temos mais a dar e a aprender. Em 1981, nos escapou a Taça de Ouro. Logo, não foi um ano perfeito." Foi um ano maravilhoso, que levou alegria ao povo, maravilhou mais de 50 países que assistiram à final. Um ano que reafirmou o Brasil na vanguarda do futebol e comprovou que um grande time precisa dosar amor, união, talento e profissionalismo.

"NO LONGO VÔO DE LOS ANGELES A TÓQUIO, NUNES SERIA RESPONSÁVEL POR MAIS UM DELICIOSO MOMENTO DE HUMOR: 'JÁ ESTAMOS AQUI DENTRO HÁ MAIS DE DEZ HORAS. QUANDO VAI APARECER A LUA?'"

13/12 NACIONAL (TÓQUIO)
FLAMENGO 3 X 0 LIVERPOOL
J: Mario Rubio Vásquez (México); **P:** 62 000; **G:** Nunes 12, 41, Adílio 34 do 1º **FLAMENGO:** Raul, Leandro, Marinho, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Lico. **T:** Paulo César Carpegiani **LIVERPOOL:** Grobbelaar, Neal, Phil Thompson, Hansen e Lawenson; Ray Kennedy, Sammy Lee, MacDermott (Johnson) e Souness, Johnston e Dalglish. **T:** Robert Paisley

Nunes encobre Grobbelaar:
caminho aberto para o título

ERAM OS TEMPOS EM QUE o Campeonato Brasileiro se chamava Taça de Ouro. Mais uma vez o Flamengo estava na final e o bicampeonato rubro-negro só veio na terceira partida contra o Grêmio do jovem Renato Gaúcho

FLAMENGO, ESSE INSACIÁVEL CAMPEÃO

Jogou a seu estilo até marcar o gol do título. Depois defendeu para provar que faz tudo bem >> POR DIVINO FONSECA

Em 28 anos de história, o Estádio Olímpico tinha presenciado apenas duas festas de adversário — em 1978 e 1981, o Inter ganhou lá o título gaúcho. Domingo passado, não mais do que 2 mil torcedores rubro-negros fizeram a terceira. Em Porto Alegre, desde o empate na segunda partida, na quarta-feira, e depois de passarem por toda espécie de dificuldades, eles viram o Flamengo confirmar a espantosa escrita iniciada em 1981: disputou caneco, ganhou.

No primeiro tempo, o Flamengo foi ousado. Depois de uns dois ou três minutos, Zico e sua turma perceberam que o Grêmio continuava respeitando o Flamengo (e convenhamos que tem que ter respeito, pois esse é o time mais traiçoeiro do mundo), movimentando-se com quatro no meio-campo: Batista, Vílson Tadei, Paulo Isidoro e Tonho — e recuando para perto de sua área quando perdia a bola. Aí Zico e sua turma partiram com tudo. Com tudo, não. Com a bola de pé em pé. Mais pela direita, com Leandro ajudando Lico, pois cá na esquerda Júnior experimentava uma parada ingrata — o menino Renato, 19 anos, corpo de zagueiro e velocidade de ponteiro, produzia um carnaval dos diabos quando pegava a bola.

Aos 10, quando já se divisavam alguns clarões na marcação tricolor, Zico avançou pelo meio, driblou Tadei, ameaçou virar para a esquerda e lançou o centroavante pela direita. Nunes correu ao lado de De León e fuzilou de pé direito, reto, no canto esquerdo. Era seu quinto gol na Taça de Ouro — pouco para um artilheiro —, mas um tinha que ser na decisão.

Passaram-se alguns minutos e Nunes perdeu a chance de ir além de sua promessa ao goleiro do Grêmio, depois de uma alucinante troca de passes.

Fosse outro o adversário, até pareceria curioso: o Grêmio, que largara atrás e precisava no mínimo empatar, às vezes partia em furiosos contra-ataques, mas deixava três na marcação de apenas um flamenguista.

O mais era a resistência à volúpia avassaladora do Grêmio, empurrado pela garra pampeana. E aí, jogando circunstancialmente como a maioria das equipes que o enfrentam, o Flamengo mostrou que também tem defesa. Protegido pelo magnífico Andrade, por Adílio, por Lico e por Vítor, que substituiu Nunes aos 32, os zagueiros com fama de limitados também brilhavam. Figueiredo era um monstro nas bolas altas. Marinho era intransponível por cima e por baixo. E, como acontece nessas ocasiões, a sorte também ajudou. Aos 10, formou-se na pequena área do Flamengo uma das maiores confusões já vistas em futebol — um tremendo bate-rebate que só foi salvo quando a bola já ia entrando.

Foi, então, o Flamengo total. Belíssimo, artístico, arrebatador, no primeiro tempo. Forte, heróico, intransponível, no segundo. Ao saírem em festa, para enfrentar os 1 538 km da volta, os rubro-negros recebiam a notícia de que o clube já contratara, por 300 mil dólares, o rápido e driblador ponta-direita (e esquerda) Alzamendi, do Independiente, da Argentina. Mas ali, naquele instante, eles estavam em delírio por um motivo mais especial: o Flamengo tinha conquistado o título de campeão brasileiro dentro do orgulhoso pampa. Aquilo tinha o sabor de amarrar o cavalo no obelisco.

"O GRÊMIO CONTINUAVA RESPEITANDO O FLAMENGO. E, CONVENHAMOS QUE TEM QUE TER RESPEITO, POIS ESSE É O TIME MAIS TRAIÇOEIRO DO MUNDO"

25/4/82 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 0 X 1 FLAMENGO
J: Oscar Scolfaro (SP); **R:** CR$ 29 579 900; **P:** 62 256; **G:** Nunes 10 do 1º; **CA:** Newmar, Tonho, Nunes e Lico
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Paulo César; Batista, Paulo Isidoro e Vílson Tadei; Renato, Baltazar (Paulinho) e Tonho (Odair). **T:** Ênio Andrade
FLAMENGO: Raul, Leandro (Antunes), Marinho, Figueiredo e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes (Vítor) e Lico. **T:** Paulo César Carpegiani

Nunes ameaça Leão: o gol era uma certeza em dia de decisão

O FLAMENGO PERDEU O PRIMEIRO jogo decisivo, no Morumbi, por 2 x 1. Nem isso diminuiu a confiança da torcida, que proporcionou o maior público da história do Maracanã — e o tricampeonato

O SHOW DO MARACANÃ

O maior público já presente a uma final do Campeonato Brasileiro — 155 253 pagantes — viu domingo um espetáculo inesquecível: os 3 x 0 que deram o tri ao Flamengo

POR CELSO KINJÔ

Afogadas na imensidão rubro-negra do Maracanã, aquelas 10 mil vozes santistas entoavam um refrão de sonho, inclusive porque, entre seu canto e a viva realidade que as cercava, havia uma brutal diferença. Enquanto repetiam "Caiu na rede é peixe, ê-ê-ah/o Santos vai golear", bandeiras alvinegras estendidas sobre a grade das arquibancadas eram surrupiadas, por torcedores inimigos, postados na marquise inferior, onde se localiza o setor das cadeiras. Começava a ruir, às 14h47, o castelo que abrigaria um novamente majestoso Santos campeão do Brasil.

Se a batalha era desigual já nesses preparativos, o que se viu no campo foi atordoante. Uma densa preleção em que o técnico Formiga lembrou, acima de tudo, a necessidade de segurar o ímpeto adversário na quadra inicial da partida, transformar-se em pesadelo aos 40 segundos, quando Zico fez 1 x 0. "Muito cuidado com o 11", recomendara Formiga com insistência. Mas, no primeiro lance, Toninho Oliveira virou as costas para o arisco Júlio César, dessa forma oferecendo o caminho do gol.

A decisão — que mereceu o 11º volume de público registrado na história do Estádio Mário Filho, com exatos 155 253 pagantes, o maior em decisões do Campeonato Brasileiro — mudou de forma e conteúdo.

Pita trocava cotoveladas com o implacável Vítor e não articulava, nervoso que estava com a rígida marcação, um único lance ofensivo. Quando uma nesga de esperança surgira, Élder — ou podia ser Vítor, ou Leandro, ou Figueiredo — capturava a bola e esfumava o sonho santista. Quem sabe Dema fosse o homem capaz de operar o milagre, tirando os companheiros do sufoco e mostrando o caminho da luz? Quem sabe fosse Lino? Ou o pênalti sobre Pita, aos 22, quando Arnaldo César Coelho preferiu marcar tiro indireto?

Nada disso. Nesse diagnóstico dos porquês, necessário como exercício de autocrítica, há que destacar a soberba exibição da nação flamenguista. Isto é, os 11 jogadores no gramado, seus companheiros de banco e a massacrante legião que desempenhou no Maracanã, uma vez mais, o maior espetáculo de uma torcida na Terra. A cada balão que a massa das arquibancadas iluminava e fazia subir, um gol era perdido pelo ataque. Os hinos de guerra, gritados por 150 mil gargantas aquecidas, intimidavam o acuado visitante e não foi por outra razão que Toninho Silva derrubou Adílio junto à linha de fundo, aos 39, lance do qual resultaria o segundo gol, numa cabeçada de Leandro.

O Santos retornou para a etapa final necessitando de um gol para obrigar a uma prorrogação. Mas faltou-lhe o que sobrou ao Flamengo: raça para vencer e preciosas atuações de jogadores decisivos, diante das circunstâncias. Caso, por exemplo, do zagueiro Figueiredo, substituto de Mozer, que anulou o centroavante Serginho e cobriu com eficiência o lateral Leandro; caso, também, de Adílio, premiado com o terceiro gol, a um minuto do fim.

O Santos sucumbiu na grandiosidade do Flamengo tricampeão brasileiro. Ou como sentenciava o eufórico Marinho: "Não tem coisa pior do que enfrentar o Flamengo em decisão, aqui no Maracanã."

"OS 11 JOGADORES NO GRAMADO E A MASSACRANTE LEGIÃO DO MARACANÃ DESEMPENHARAM, UMA VEZ MAIS, O MAIOR ESPETÁCULO DE UMA TORCIDA NA TERRA"

29/5/83 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 3 X 0 SANTOS

J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 168 700 000; **P:** 155 523; **G:** Zico 40 segundos e Leandro 39 do 1º; Adílio 44 do 2º; **CA:** João Paulo, Joãozinho, Figueiredo, Pita, Toninho Carlos e Marinho

FLAMENGO: Raul, Leandro, Marinho, Figueiredo e Júnior; Vítor, Adílio e Élder; Baltazar (Robertinho), Zico e Júlio César (Ademar). **T:** Carlos Alberto Torres

SANTOS: Marolla, Toninho Oliveira, Joãozinho, Toninho Carlos e Gilberto; Toninho Silva (Serginho II), Paulo Isidoro e Pita; Camargo (Paulinho Batistote), Serginho e João Paulo. **T:** Formiga

RICARDO CHAVES

Zico: ele fez ruir o sonho santista aos 40 segundos de jogo

O VASCO CONQUISTOU A TAÇA GUANABARA, mas o Flamengo venceu o segundo turno e levou a melhor-de-três decisiva

ETERNO FLAMENGO

Com revoada de urubu e tudo, o rubro-negro deu um baile no Vasco e conquistou o título carioca de 1986 em mais um clássico inesquecível

>> **POR TIM LOPES, MÍLTON COSTA CARVALHO E ALCESTE PINHEIRO**

De repente, a imensa nação rubro-negra entrou em delírio. Ali, a seus pés, um Flamengo renovado corria em campo com a faixa de campeão carioca. Não era o sonhado Mengo sob o comando de Zico e Sócrates. Era, sim, o time de Zé Carlos, Guto, Aldair, Aílton e Vinícius, recém-saídos dos juniores. Claro que havia a classe de Leandro, a malícia de Adílio, a experiência de Andrade, a garra e a valentia de Marquinho e Júlio César e a tenacidade de Jorginho. Mas lá, no gramado do gigante, estava também — e acima de tudo — o raro talento emergente de Bebeto, um novo rei do Maracanã.

A girar, por todo o anel da arquibancada e geral do estádio, uma certeza: o tempo da entressafra havia terminado. Com renda e público recordes no campeonato — 3,9 milhões de cruzados e 128 mil pessoas —, a final contra o Vasco trouxe de volta a magia das grandes decisões.

A galera flamenguista extrapolou. Esteve totalmente demais em sua paixão. "Quero cantar ao mundo inteiro/A alegria de ser rubro-negro", entoavam os torcedores. Bebeto se emocionou com essa declaração de amor deslavada: "A massa foi fantástica, eu fiquei sem saber se ria ou chorava", confessou.

Ao contrário dos torcedores do Vasco, meio apáticos, sem brilho ou criatividade, os rubro-negros realmente sentiram que o dia era deles. Em grupos organizados, chegaram cinco horas antes do clássico para preparar a festa, enquanto o lado reservado aos cruzmaltinos tinha buracos quase até o momento do jogo.

Começado o jogo, a urubuzada sumiu como que por mágica. O gol de Bebeto, aos 29 do segundo tempo, por sua vez, desencantou o time. Afinal prenunciava-se mais um enervante empate nessa final, na qual o Flamengo entrou com um ponto de vantagem por ter liderado a classificação geral do certame. O golpe de misericórdia foi dado por Júlio César, faltando seis minutos para o fim da partida.

E o competente Mengão ainda contou com a ajuda do técnico do Vasco, Antônio Lopes. Afinal, foi ele o responsável pelas desastradas substituições de Geovani e Romário. O Flamengo agradeceu penhorado quando voltou para o segundo tempo e encontrou no lugar do cérebro do time, Geovani, o esforçado júnior Claudinho. Quando Lopes cometeu o segundo desvario, ao trocar Romário por Santos, os flamenguistas exultaram. Passaram a chamar, alto e bom som, o treinador vascaíno de "burro", tomando as dores da massa adversária que amarelou diante de tanta loucura. Lopes não resistiu às pressões e pediu demissão 17 horas depois — ao meio-dia da segunda-feira.

Já com a alma lavada por tantas emoções, a torcida ainda esperou pela volta olímpica de seu time querido antes de cair na gandaia. Era um belo espetáculo o Maracanã, jogo já encerrado, recheado de puro delírio e fascínio de um lado e de pequenas fogueiras deixadas pelos vascaínos do outro.

"QUANDO LOPES TROCOU ROMÁRIO POR SANTOS, OS FLAMENGUISTAS PASSARAM A CHAMAR, EM ALTO E BOM SOM, O TREINADOR VASCAÍNO DE 'BURRO', TOMANDO AS DORES DA MASSA ADVERSÁRIA"

10/8/86 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 2 X 0 VASCO
J: Roberto Costa; **P:** 127 806; **G:** Bebeto 29 e Júlio César 38 do 2º
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Guto e Aldair; Andrade, Aílton e Adílio; Bebeto, Vinícius (Júlio César) e Marquinho. **T:** Sebastião Lazaroni
VASCO: Acácio, Paulo Roberto, Donato, Moroni e Heitor; Vítor, Mazinho e Geovani (Claudinho); Mauricinho, Roberto e Romário (Santos). **T:** Antônio Lopes

Bebeto inferniza
Donato: dois
supertimes em campo

APENAS 16 TIMES DISPUTARAM a Copa União, símbolo da ruptura entre a CBF e o recém-fundado Clube dos 13. O título ficou com o Flamengo, que recusou um cruzamento com os times do Módulo Amarelo. Para os 13, o melhor havia sido escolhido ali

QUATRO VEZES FLAMENGO

Com um golaço de Bebeto, o heroísmo de Zico, as travessuras de Renato e a categoria do time todo, o rubro-negro conquista o tetra

POR DIVINO FONSECA*

**Colaboraram Geraldo Mainenti, Alfredo Ogawa, Milton Costa Carvalho e Carlos Orletti*

Mal o juiz apitou o fim do jogo, Zico saltou do túnel, de onde torcera os últimos minutos depois de ter sido substituído, e abriu um sorriso. Saiu então a abraçar todos, como fosse um adolescente que havia conquistado o seu primeiro título.

Zico, o melhor jogador da história do Flamengo, não foi o mais brilhante da vitória de 1 x 0 sobre o Inter. A exemplo das outras três decisivas partidas da competição, ele não era o pulmão, e sim cérebro e olhos da equipe. A torcida saiu, sim, indiferente à chuva que desde cedo tentou enfeiar a festa — como se isso fosse possível num dia em que o Flamengo decide o título.

Reza a supertição que, quando o urubu lançado pela torcida cai em mãos do inimigo, o título vai para o espaço. Foi assim em 1983, no Fla-Flu decisivo do Carioca. O bicho aterrissou nas mãos do lateral-direito Aldo e deu Fluminense. No ano seguinte, outro Fla-Flu que valia caneco, e o bicho acabou sendo abatido pela torcida tricolor: Flu bicampeão. Domingo, porém, quando o urubu pousou perto de Taffarel, no início do jogo, quem o recolheu? O materialista Renato.

Não foi por aí, porém, que o dono da festa impôs seu futebol. "Jogamos num estilo alegre, bem brasileiro", saboreava o técnico Carlinhos. Sempre com a bola no chão, movimentação e passes consistentes, sem pressa, mas rápido, o Flamengo tratou de ir prensando o Inter contra a sua área. Até sair o gol urubu. "Ainda não entendi", reclamava Taffarel, no final. "Fui certo de que abafaria aquela bola. De repente, surgiu o pé do Bebeto."

"Pensei que passaríamos trabalho no segundo tempo", rememorava Zico. "Só que a reação do Inter não nos assustou." Por quê? Porque o time gaúcho não tinha força suficiente — e essa é quase que sua única arma — e também porque o Flamengo não desmentiu Ênio Andrade. O técnico colorado, consciente de que treina um time limitado, elogiava o de Carlinhos pela seriedade com que passou a marcar a partir do segundo turno.

Bebeto, esse era a imagem da emoção — e agora as lágrimas que lhe valeram o apelido de "chorão" tinham razão de ser. "Dedico o gol e o título à Denise, minha mulher", soluçava ele, segurando a prosaica calculadora que ganhara de uma rádio como prêmio.

O mesmo fez o garoto Leonardo, que, também em prantos, balbuciava: "Quando eu deixei os juniores e estreei, na abertura da Copa União, a torcida mal sabia o meu nome." O contraste absoluto estava nas palavras do grande Leandro, que até poderiam soar um tanto cruéis. Segundo ele, certos jogadores do Inter sentiram demasiado o berro do Maracanã. "Não vou citar nomes, mas alguns tremeram. Pareciam petrificados", dizia. Não era crueldade. No silencioso vestiário colorado, dois jogadores, Norberto e Luís Carlos, confirmavam essa constatação. "Faltou personalidade a alguns, e nem vou alegar a pouca idade, pois o cara deve ser macho desde guri", desabafava o capitão Luís Carlos.

Não, Zico não foi o mais brilhante. Mas foi cérebro e olhos. Um capitão. Um indispensável condutor de craques. Aos 34 anos, o herói de sempre. No fim, a primeira Copa União foi parar nas mãos do último gênio. Terá sido por acaso?

"SEGUNDO LEANDRO, CERTOS JOGADORES DO INTER SENTIRAM DEMASIADO O BERRO DO MARACANÃ. 'NÃO VOU CITAR NOMES, MAS ALGUNS DELES TREMERAM'"

13/12/87 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 1 X 0 INTERNACIONAL
J: José de Assis Aragão (SP);
R: Cz$ 20 452 800; **P:** 91 034;
G: Bebeto 16 do 1º; **CA:** Aluísio e Edinho
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton e Zico (Flávio); Renato, Bebeto e Zinho. **T:** Carlinhos
INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aluísio, Nenê e Paulo Roberto (Beto); Norberto, Luís Fernando e Balalo; Hêider (Manu), Amarildo e Brites. **T:** Ênio Andrade

Renato pega o urubu e espanta a uruca. Zico, cérebro e olhos do Flamengo, prefere pegar a Taça

ZICO JÁ TINHA PARADO. Mas o Flamengo ainda tinha Júnior. E com ele foi mais uma vez campeão carioca em cima do Fluminense

SAGRAÇÃO RUBRO-NEGRA

A vitória veio de virada, com um show de Júnior. Uma festa para flamenguista nenhum esquecer

Dias antes da decisão do Campeonato Carioca, enquanto os tricolores não podiam dormir sossegados, nenhum rubro-negro duvidava do título. A primeira partida, realizada no domingo, 15 de dezembro, já sinalizava o caminho da taça rumo à Gávea. Apesar do empate em 1 x 1, o Flamengo foi o senhor do jogo, como já havia sido em uma campanha de 17 vitórias, sete empates e apenas uma derrota, para o mesmo Flu, em 25 jogos. Diante disso, os próprios jogadores do tricolor pouco comemoraram o gol de pênalti de Ézio, que, àquela altura, colocava o time em vantagem. Pareciam, eles também, adivinhar quem seria o campeão.

Uma vitória saborosa também porque, embora premeditada, jamais chegou a ser fácil. Com um novo gol do centroavante Ézio, o Fluminense abriu o placar pela segunda vez nos jogos finais. Até aí, os fatos pareciam dar razão a Edinho. Necessitando da vitória (o regulamento dava ao Flamengo um ponto extra), o técnico tricolor mandou seu time explorar o lado esquerdo do adversário, onde estavam Piá e Júnior Baiano. Quis o destino, porém, que dos pés do desacreditado lateral-esquerdo Piá nascessem os dois primeiros gols de uma fantástica virada para 4 x 2.

"Estávamos precisando só de um título para nos firmar", festejava o atacante Macelinho. "Os garotos são mesmo os melhores do Rio", reforçava o presidente Márcio Braga. Tais declarações eram um reconhecimento à vitória dos "Gaúcho's Boys", como ficou conhecida essa mescla em vermelho e preto de jovens — como Piá, Nélio e Paulo Nunes — e jogadores experientes, como Gaúcho e Júnior. No final do primeiro turno, perdida a Taça Guanabara, foi Júnior quem exigiu do próprio artilheiro Gaúcho uma maior aplicação nos treinamentos. E, quando isso aconteceu. o Flamengo não perdeu para mais ninguém.

O contestado técnico Carlinhos, campeão da Copa União em 1987 ao lado de Zico, Renato Gaúcho e Bebeto, sentia a proximidade de provar, enfim, seu valor, treinando desta vez um time jovem e sem as estrelas de antes.

Tudo começou a mudar no segundo tempo do Fla-Flu final, quando o Maracanã assistiu à 12ª conquista estadual do rubro-negro em seu gramado, igualando o feito do Fluminense, até então o maior papão de títulos desde a inauguração do estádio, em 1950. Uidemar empatou, Gaúcho virou e Zinho, com um tirambaço de fora da área, selou a conquista. Quanto ao Flu, apesar da contusão de Bobô e as expulsões de Carlinhos Itaberá e Pires, ainda teve forças para descontar, com Ézio.

O melhor da festa, porém, ainda estava por vir. Eram 38 minutos do segundo tempo e, pelo que havia anunciado durante a semana, Júnior, eleito pela imprensa carioca o melhor jogador do ano no Rio, vivia seus últimos sete minutos no futebol. Nem por isso, porém, deixou de dar mais uma contribuição para "resgatar o prestígio do clube", como afirmaria depois. E lá estava ele, de novo, em sua 768ª partida com a camisa do Flamengo — é o recordista de jogos com a camisa do clube, na frente até de Zico — para consolidar a vitória com um quarto e apoteótico gol. Depois, prometeu: "Preciso pensar um pouco mais antes de parar." Era tudo que a torcida precisava ouvir. Só então a festa do Flamengo campeão se fez realmente completa.

"'ESTÁVAMOS PRECISANDO SÓ DE UM TÍTULO PARA NOS FIRMAR', FESTEJAVA O ATACANTE MARCELINHO. 'OS GAROTOS SÃO MESMO OS MELHORES DO RIO', REFORÇAVA O PRESIDENTE MÁRCIO BRAGA"

19/12/91 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 4 X 2 FLUMINENSE
J: Cláudio Vinícius Cerdeira;
R: Cr$ 247 636 000; **P:** 49 975; **G:** Ézio 37 do 1º; Uidemar 12, Gaúcho 25, Zinho 32, Ézio 33 e Júnior 38 do 2º. **CA:** Marcelo Gomes, Renato, Zinho, Gilmar e Nélio; **E:** Carlinhos Itaberá e Pires
FLAMENGO: Gilmar; Charles Guerreiro, Júnior Baiano, Wilson Gottardo e Piá; Uidemar, Júnior e Zinho; Paulo Nunes, Gaúcho e Nélio (Marcelinho Carioca).
T: Carlinhos
FLUMINENSE: Ricardo Pinto, Carlinhos Itaberá, Sandro, Júlio Alves e Marcelo Barreto; Pires, Marcelo Gomes e Ribamar (Marcelo Ribeiro); Bobô (Márcio), Renato e Ézio. **T:** Edinho

Zinho e os garotos Marcelinho e Marquinhos vibram: uma nova geração

A DECISÃO FOI EMPANADA por um acidente terrível, em que uma grade da arquibancada cedeu, matando torcedores do Flamengo. Nunca mais o Maracanã receberia um público tão grande. Um público digno de Flamengo campeão

OUVINDO A VOZ DO POVO

"Seremos campeões", profetizava a galera. Em campo, o Mengo não negou fogo

Houve momentos em que só mesmo a fanática torcida rubro-negra parecia acreditar que o título de 1992, a exemplo do que já acontecera em 1980, 1982, 1983 e 1987, tomaria o rumo da Gávea. Seria a consagração do Flamengo como o maior vencedor de Brasileiros, com cinco conquistas. A galera negara-se a enxergar as possíveis limitações de sua equipe. E insistia em profetizar em seus corinhos: "Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe Mengo/ Seremos campeões..."

Os motivos para tanta euforia, ao contrário do que costumava acontecer nos tempos em que Zico vestia a camisa 10, demoraram a aparecer. Quando terminou a fase classificatória, com os 20 clubes do campeonato se enfrentando, todos contra todos, em 19 rodadas, o saldo não era muito animador. As oito vitórias e seis empates, contra cinco derrotas, posicionavam a equipe em um modesto quarto lugar, atrás de Vasco, Botafogo e Bragantino.

Um período em que aconteceu de tudo, principalmente entre a sexta e a 11ª rodadas — tempos de derrotas seguidas para Cruzeiro (1 x 2), Santos (0 x 2), Bragantino (0 x 1) e Vasco (2 x 4), entremeadas por dois empates, contra Atlético Mineiro (1 x 1) e Náutico (0 x 0). Um verdadeiro inferno astral, do qual só os predestinados a ser campeões conseguem sair ilesos.

Foi a partir das semifinais que tudo começou a mudar. Peças fundamentais para que o correto esquema tático implantado pelo técnico Carlinhos desse certo começaram a se destacar. Quem estava em baixa — como o centroavante Gaúcho e os até então coadjuvantes Nélio e Zinho — subiu de produção. E quem já vinha se destacando, casos dos veteranos Júnior e Gilmar, tornou-se o ponto de equilíbrio para que o Mengão, afinal, se reencontrasse com as vitórias.

Já não havia motivo para duvidar da força rubro-negra na briga palmo a palmo com Vasco (até então líder absoluto durante todo o campeonato), São Paulo (tido como o melhor time do país durante todo o ano de 1992) e Santos (um time que, apesar das limitações, foi o único adversário a derrotar o rubro-negro duas vezes no Brasileiro). Fazendo-se valer da mítica capacidade de reação, o Mengo derrotou pelo menos uma vez todos eles. Na última rodada conquistou o direito de chegar a mais uma decisão de Brasileiro com um categórico 3 x 1 sobre o Santos. Enquanto isso, o rival Vasco, vítima humilhada com um empate e uma vitória rubro-negra em apenas quatro dias, dava uma mãozinha eliminando o São Paulo com um 3 x 0.

Mesmo quando só faltava o Botafogo e sabendo que a camisa rubro-negra jamais saíra de campo derrotada em decisão nacional, a maioria ainda preferia apostar que o Flamengo não chegaria lá. Só a torcida, na certeza do canto que dizia "seremos campeões", permanecia confiante. E se ainda restava alguma dúvida entre os próprios rubro-negros, ela acabou no primeiro jogo decisivo. O Botafogo, que se considerou melhor durante toda a competição, sucumbiu por 3 x 0, um show de Piá, Nélio e do onipresente Júnior. No jogo seguinte, quando o adversário precisava de três gols de diferença, o empate em 2 x 2 bastou. Foi uma festa que, para a profética e vencedora massa rubro-negra, estava longe de ser uma surpresa.

"FOI A PARTIR DAS SEMIFINAIS QUE TUDO COMEÇOU A MUDAR. PEÇAS FUNDAMENTAIS PARA QUE O ESQUEMA TÁTICO DO TÉCNICO CARLINHOS DESSE CERTO COMEÇARAM A SE DESTACAR"

19/7/92 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 2 X 2 FLAMENGO

J: José Roberto Wright (SP); **R:** Cr$ 1 854 863 000; **P:** 122 001; **G:** Júnior 42 do 1º; Júlio César 10, Pichetti 38 e Valdeir (pênalti) 43 do 2º; **CA:** Odemílson, Válber, Pingo, Valdeir e Gaúcho; **E:** Renê e Wilson Gottardo

BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Odemilson, Renê, Márcio Santos e Válber; Carlos Alberto Santos, Pingo e Carlos Alberto Dias; Vivinho (Jéferson Gaúcho), Chicão (Pichetti) e Valdeir. **T:** Gil

FLAMENGO: Gilmar, Charles, Gélson Baresi, Wilson Gottardo e Fabinho (Mauro); Uidemar, Júnior e Zinho; Júlio César, Gaúcho (Djalminha) e Piá. **T:** Carlinhos

Júnior, sempre onipresente, comemora: não dava mesmo para o Botafogo

FOI MAIS FÁCIL DO QUE SE ESPERAVA o primeiro título do Flamengo com Romário. O técnico Joel Santana soube levar o time a conquistar os dois turnos, sem derrota

CAMPEÃO NO GRITO, E NA MANHA

Como o técnico Joel Santana driblou os problemas e as crises e fez o Flamengo de Romário, finalmente, chegar ao título

>> POR SÉRGIO GARCIA

Foi a campanha do título invicto e antecipado, o ano do Romário artilheiro disparado. Nunca foi tão fácil conquistar um Campeonato Carioca — mas só nas aparências. Joel Natalino Santana, 48 anos, sabe o quanto custou levar o time até a taça. Recebido sob críticas, o técnico virou o jogo com competência e muita malandragem. Na guerra de egos que eliminou seus antecessores na Gávea, ele fez o impossível. Uniu dois desafetos, Romário e Sávio, passou por cima do oba-oba promocional dos dirigentes e fez o time jogar bola. Não foi fácil mesmo. Para chegar ao seu quinto título carioca consecutivo, Joel muitas vezes precisou levar a situação na manha. Em outras, ele rodou a baiana. Com 48 anos de praia, o carioca Joel Santana sabe o valor de um papo esperto. Ao chegar à Gávea, em janeiro, soube que os corneteiros da Boca Maldita do clube detonavam sua contratação. Espécie de poder paralelo, a Boca é formada por antigos sócios e dirigentes. Não decide nada, mas atrapalha que é uma beleza. Joel era o "retranqueiro", "o técnico com a cara do Vasco". O treinador aproximou-se do grupo, pediu chope pra todo mundo e em pouco tempo ganhou a admiração da turma. A ponto de mudar o nome do pessoal: "Pra mim eles são a Boca Ben-dita."

Os dias ensolarados na pré-temporada do time em Friburgo, interior do Estado, foram festejados por Joel. No ano passado, o mesmo acontecera quando ele levara o Fluminense para o mesmo lugar. "Se deu certo antes, vai dar certo agora", pensou Joel, supersticioso de carteirinha. Até tragédia vale como bom sinal. Contra o Itaperuna, ainda no primeiro turno, o alambrado caiu e o jogo foi suspenso. O Flamengo empatava com dificuldade. "Nessa partida vi que papai do céu estava conosco", diz Joel. Três semanas depois, o Fla arrasou o Itaperuna num novo jogo.

Joel encontrou um Romário abatido por problemas sentimentais e financeiros. Primeira providência: chamar o Baixinho e Sávio, que não se davam bem. "Nós passamos mais tempo aqui do que nas nossas casas", argumentou para a dupla. "Temos que nos falar e olhar um pro outro, senão o melhor é ir embora." O que se viu depois foi a dupla comemorar os gols com o afago de uma velha amizade. No diagnóstico do treinador, Romário tinha conselheiros demais. "Isso não funciona", ensina Joel, que conhece o atacante há dez anos. "Com o Romário você tem que ser direto: quero isso e não quero aquilo."

O invicto Flamengo chegava à rodada derradeira precisando de um mísero 0 x 0. Parecia barbada. Porém, mais uma vez, as aparências enganaram. "Justamente por ter perdido as esperanças na penúltima rodada, o Vasco veio para a final despreocupado", analisa. No jogo, o Vasco fez seu melhor clássico e o rubro-negro nunca esteve tão apático. Fim de sufoco, o treinador pôde enfim comemorar, mas bem ao seu estilo, sem muito estardalhaço.

"JOEL ENCONTROU UM ROMÁRIO ABATIDO POR PROBLEMAS SENTIMENTAIS E FINANCEIROS. PRIMEIRA PROVIDÊNCIA: CHAMAR O BAIXINHO E SÁVIO, QUE NÃO SE DAVAM BEM"

30/6/96 MARACANÃ (RIO)
VASCO 0 X 0 FLAMENGO
J: Carlos Elias Pimentel; **R:** R$ 991 375; **P:** 65 782; **CA:** Mancuso, Nélio, Luisinho e Válber; **E:** Djair e Ronaldo
VASCO: Carlos Germano, Pimentel, Sídnei, Alex e Ronaldo; Luisinho (Assis), Leandro Ávila, Juninho Pernambucano e Válber; Alessandro (Brener) e Nílson (Serginho). **T:** Carlos Alberto Silva
FLAMENGO: Roger, Zé Maria, Jorge Luís, Ronaldão e Gilberto; Márcio Costa, Mancuso (Djair), Nélio (Fabiano) e Marques (Iranildo); Romário e Sávio. **T:** Joel Santana

Amoroso, Sávio e Iranildo na hora da festa: emoção demais

A HISTÓRICA SÉRIE DE TÍTULOS consecutivos em cima do Vasco começava nesse ano, com um gol de falta de Rodrigo Mendes, quando o Vasco jogava pelo empate

CHORA, BACALHAU

Mesmo com Romário contundido, o Flamengo resgata a mística rubro-negra e acaba com a empáfia de Eurico Miranda, Edmundo e companhia

O Flamengo liqüidou com a empáfia dos vascaínos, que passaram os dois últimos anos dizendo que tinham o melhor time do Rio. O fanfarrão Eurico Miranda, o confiante Edmundo tiveram que engolir o Mengão. E tudo ao melhor estilo rubro-negro, com sofrimento e superação. Na decisão, o Vasco tinha a vantagem do empate e comemorou quando Romário saiu contundido já aos 19 minutos do primeiro tempo. O título estava na mão. Só que o substituto Caio encarou o desafio de virar Romário, chamar o jogo e vibrar com o time. Rodrigo Mendes fez a mesma viagem. Driblou, correu e, sobretudo, fez o gol decisivo aos 31 do segundo tempo. Flamengo campeão. E sem Romário.

Mas a máscara rival já tinha caído logo na Taça Guanabara, quando as duas equipes chegaram com campanhas quase idênticas. Ao entrar no gramado do Maracanã na última rodada, tanto Vasco como Flamengo tinham feito nove jogos, com oito vitórias e um empate. Com melhor saldo de gols, o rival seria campeão com um empate. Essa era a vantagem deles. A do Flamengo se chamava Romário. Naquele 18 de abril, o Baixinho fez a diferença, fez o gol decisivo no 2 x 1 e fez o mundo olhar para a camiseta que usava por baixo do uniforme e que pedia paz na Iugoslávia — a primeira de uma série apresentada em outras comemorações de gols.

Artilheiro do Campeonato com 16 gols, Romário só está cumprindo uma promessa. Ele anunciou que 1999 será o seu grande ano (e olha que ano bom é o que nunca faltou na carreira dele). Para isso, até mudou o seu jeito de ser e de jogar. Esqueceu as mordomias de outros tempos e aproveitou cada hora no clube para aconselhar os jogadores mais jovens, dar ânimo para quem andava mal das pernas ou da cabeça. Em campo, confirmando uma tendência que vinha desde a temporada passada, passou a escolher com mais cuidado a hora certa do bote e recuou em busca de espaço.

Não por coincidência, o elenco todo do Flamengo saiu ganhando. Iranildo e Beto voltaram a mostrar o futebol tão promissor dos tempos de Botafogo. Athirson virou ídolo na lateral esquerda, Caio enfim se acertou no ataque depois de tentativas frustradas na Inter, da Itália, e no Santos.

Essas histórias de recuperação quase foram para o brejo na Taça Rio. Talvez satisfeitos com a vaga certa na final, garantida pelo título da Taça Guanabara, os jogadores relaxaram no segundo turno e tiveram que agüentar Edmundo, autor dos dois gols da final da Taça Rio. Era hora de começar tudo de novo, recuperar o moral da tropa. O técnico Carlinhos, bem assessorado por Romário, conversou e lembrou a todos do significado da mística flamenguista. Aí foi só repetir a história do primeiro turno. Não era o Vasco que entrava com a vantagem de empate na última rodada? Não era o Flamengo que tinha que vencer de qualquer jeito? Chora, Vasco!

"ROMÁRIO ANUNCIOU QUE 1999 SERÁ O SEU GRANDE ANO (E OLHA QUE ANO BOM É O QUE NUNCA FALTOU NA CARREIRA DELE). PARA ISSO, ATÉ MUDOU O SEU JEITO DE SER E DE JOGAR"

19/6/99 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 1 X 0 VASCO
J: Cláudio Vinícius Cerdeira; **G:** Rodrigo Mendes 31 do 2º; **CA:** Fabão, Nasa, Alex Oliveira e Felipe; **E:** Odvan
FLAMENGO: Clemer, Pimentel, Fabão, Luiz Alberto e Athirson; Leandro, Jorginho, Fábio Baiano e Beto; Rodrigo Mendes (Maurinho) e Romário (Caio). **T:** Carlinhos
VASCO: Carlos Germano, Zé Maria, Odvan, Mauro Galvão e Felipe; Nasa, Paulo Miranda, Vágner (Fabrício) e Ramón (Alex Oliveira); Donizete (Guilherme) e Edmundo. **T:** Alcir Portella

A primeira da série: final com o Vasco virou sinônimo de taça

ROMÁRIO FOI O ARTILHEIRO do time na campanha da Mercosul, com oito gols, mas já estava afastado do clube pelo presidente Edmundo Santos Silva quando o Fla foi campeão

UMA VEZ FLAMENGO... SEMPRE FLAMENGO!

Com ou sem Romário, o Flamengo foi show na conquista do primeiro título internacional em 18 anos

Foi uma decisão emocionante como poucas: nada menos que 13 gols em duas partidas, tensão do início ao fim. Muita gente não acreditava que, sem Romário, artilheiro da competição com oito gols, o Flamengo chegaria a um título tão cedo. E ele veio muito mais cedo do que se esperava: antes do final da temporada, na milionária Copa Mercosul. O prenúncio de uma nova grande geração?

No jogo de ida, no Maracanã, o Flamengo teve que reverter um placar desfavorável para chegar a uma empolgante vitória por 4 x 3. Parecia impossível um jogo ainda melhor. Mas foi o que aconteceu no Parque Antártica. O Palmeiras virou o primeiro tempo na frente, com um gol de Arce, de pênalti. Mas logo no primeiro minuto do segundo tempo, Caio (o grande herói da conquista) incendiou o time rubro-negro ao empatar a partida, aproveitando um rebote do goleiro Marcos. Reinaldo matou a bola com o braço esquerdo no início da jogada, mas a malandragem não foi vista pelo juiz. O Palmeiras se descontrolou e Rodrigo Mendes soube se aproveitar para marcar o segundo, novamente numa bola rebatida pela zaga verde.

Mas ganhar do Palmeiras no Parque Antártica nunca é tarefa fácil. Em apenas dez minutos, o time da casa já estava na frente no placar. Primeiro, numa falha de Clemer (ela não desmerece as defesas importantes que fez durante a campanha), que deixou passar entre os braços uma cobrança de falta de Arce. Oito minutos depois, a defesa bobeou e deixou Paulo Nunes cabecear livre. Palmeiras 3 x 2.

Havia algo na noite paulistana, porém, que cheirava a conquista do Flamengo. O time não se afobou com o resultado: caso a partida terminasse com aquele placar, haveria um terceiro confronto, novamente no Parque Antártica, em igualdade de condições. Não houve necessidade. A equipe de Carlinhos continuou a levar perigo e o gol estava cada vez mais próximo. Ele surgiu, finalmente, aos 38 minutos. Lê, discreto ao longo de toda a competição, invadiu a área pela direita e tocou com categoria, de perna esquerda, para fazer o gol do título. A partir daí, Clemer não falhou mais e foi só segurar o resultado.

Pela primeira vez desde o inesquecível Mundial de 1981, o Flamengo conquistava uma competição internacional oficial. Se der continuidade ao trabalho de renovação de craques iniciado por Carlinhos (que se despediu do comando da equipe), a torcida pode sonhar com muito mais. O ano começou bem, com o título estadual em cima do Vasco, e terminou da melhor forma possível. O que mostra que os craques passam e o Flamengo fica.

"O ANO COMEÇOU BEM, COM O TÍTULO ESTADUAL EM CIMA DO VASCO, E TERMINOU DA MELHOR FORMA POSSÍVEL. O QUE MOSTRA QUE OS CRAQUES PASSAM E O FLAMENGO FICA"

20/12/99 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 3 X 3 FLAMENGO
J: Luciano Augusto Teotônio de Almeida (DF); **G:** Arce (pênalti) 21 do 1º; Caio 1, Rodrigo Mendes 11, Arce 12, Paulo Nunes 20, Lê 38 do 2º; **CA:** César Sampaio, Júnior Baiano, Maurinho, Athirson e Asprilla;
E: Leandro Machado
PALMEIRAS: Marcos; Arce, Júnior Baiano, Cléber e Júnior; César Sampaio (Edmílson), Alex, Zinho e Asprilla; Paulo Nunes (Rogério) e Euller (Oséas).
T: Luiz Felipe Scolari
FLAMENGO: Clemer; Maurinho, Célio Silva, Juan e Athirson; Leandro Ávila, Marcelo (Lê), Leonardo (Rodrigo Mendes) e Caio (Iranildo); Leandro Machado e Reinaldo. **T:** Carlinhos

Caio comemora o seu gol: o Flamengo voltava a ganhar uma copa continental

OS 3 X 0 NO PRIMEIRO JOGO decisivo praticamente garantiram o título: o Vasco teria que devolver o placar no segundo jogo. Por isso, a torcida rubro-negra lotou o Maracanã

O MARACA É NOSSO

O Flamengo levou de cinco do Vasco no primeiro turno. E daí? Na hora que interessava, venceu, mesmo sem Athirson, e ganhou o 26º estadual

A semana que antecedeu o jogo decisivo foi para lá de tumultuada. Se o Vasco perdeu os seus dois melhores jogadores — Edmundo, afastado, e Romário, contundido —, o Flamengo ficou sem Athirson, o seu grande craque no campeonato. A dois dias da final, a CBF anunciou que o exame antidoping do lateral no jogo contra o Bahia, pela Copa do Brasil, deu positivo. Athirson foi imediatamente suspenso preventivamente, mas os advogados do Flamengo conseguiram em cima da hora uma liminar que permitia a escalação do jogador. Temendo perder o título no tapetão, os dirigentes flamenguistas preferiram abrir mão do capitão.

O episódio abalou o time, mas não foi suficiente para prejudicar a conquista do título. É verdade que o Flamengo começou muito nervoso. Entrou preocupado em não deixar o Vasco jogar. Abusou das faltas (foram mais de 60) e deixou a galera, maioria absoluta no Maracanã, apreensiva. A arma do torcedor rubro-negro eram 30 mil cornetas, sopradas exaustivamente quando o adversário tinha a posse de bola. No fim do primeiro tempo, Maurinho e Felipe trocaram safanões e foram expulsos. Pior para o Flamengo, que tomou em seguida o primeiro gol, feito por Viola.

No intervalo, Carlinhos acalmou a turma. Trocou Iranildo por Beto e pediu para o time simplesmente jogar, tomar a iniciativa. Dito e feito. Bastaram 11 minutos para o Mengão definir o bicampeonato. Aos 4, Reinaldo escapou livre e tocou na saída de Hélton para empatar o jogo. Sete minutos depois, Tuta (em impedimento) completou um desvio de Juan e virou. Pronto. A torcida flamenguista não precisava mais tocar corneta. Em vez disso, teve 35 minutos para berrar "Athirson", "Olé" e "Bicampeão". No finzinho, sobrou tempo para Beto ensaiar algumas embaixadinhas, respondendo à provocação de Pedrinho na decisão da Taça Guanabara. O Flamengo estava mais do que vingado.

"A ARMA DO TORCEDOR RUBRO-NEGRO ERAM 30 MIL CORNETAS, SOPRADAS EXAUSTIVAMENTE QUANDO O ADVERSÁRIO TINHA A POSSE DE BOLA"

17/6/2000 MARACANÃ (RIO)

VASCO 1 X 2 FLAMENGO

J: Aloísio Viug; **P:** 68 043; **G:** Viola 41 do 1º; Reinaldo 4, Tuta 11 do 2º; **CA:** Alex Oliveira, Amaral, Fabiano Eller, Viola, Mozart, Beto; **E:** Maurinho e Felipe

VASCO: Hélton, Odvan, Mauro Galvão e Fabiano Eller; Paulo Miranda (Rogério), Juninho Pernambucano, Amaral, Felipe e Alex Oliveira; Pedrinho e Viola. **T:** Tita

FLAMENGO: Clemer, Maurinho, Fabão, Juan e Mozart; Rocha, Leandro Ávila (Lúcio), Fábio Baiano (Rodrigo Mendes) e Iranildo (Beto); Reinaldo e Tuta. **T:** Carlinhos

Amaral correndo atrás de Reinaldo:
era o Flamengo irresistível

O VASCO VENCEU o primeiro jogo decisivo e poderia até perder o segundo por um gol. Só que Petkovic cobrou uma falta e entrou para a história rubro-negra

VÃO TER QUE ENGOLIR!

Três anos seguidos vencendo a final contra o Vasco? Essa emoção ainda era inédita para os rubro-negros. Como é mesmo que diz o Zagallo?

>> POR PAULO VINÍCIUS COELHO

Tricampeonato devia ser rotina na Gávea. Pelo menos é o que mostram as três estrelas em cima do escudo bordado no manto sagrado. Devia. Só que Mengão é Mengão e sempre guarda uma emoção para o final. Talvez tenha sido por isso que o quarto tri veio com três decisões contra o Vasco, o que não aconteceu das outras vezes. Que o título tenha sido conquistado de virada, revertendo a vantagem vascaína e depois de perder a primeira partida das finais. Que o gol do título só tenha sido marcado aos 43 minutos do segundo tempo, numa falta cobrada por Petkovic.

Nenhum rubro-negro são se esquece da final do segundo turno de 1978, quando Rondinelli, de cabeça, fez o gol do título, o primeiro do terceiro tri do Mengão. Daquela vez, o gol apenas evitou que mais jogos decisivos fossem disputados contra o Vasco. Pois o gol de Pet é ainda mais histórico. Aconteceu um minuto mais tarde do que o marcado por Rondinelli e evitou a tragédia: dois minutos depois os vascaínos olhariam nos olhos dos rubro-negros cobrando todas as gozações dos últimos dois anos.

"Só sei de uma coisa: vão ter que me engolir", disse Zagallo de novo. Disse como se plagiasse a torcida rubro-negra, que, pelo resto dos tempos, poderá repetir essa frase olhando nos olhos dos vascaínos. Zagallo vestia um colete verde e amarelo, como se defendesse a Seleção Brasileira. Por baixo, o manto sagrado, o mesmo com o qual levantou o segundo tri do Flamengo, em 1955.

O título serviu para mostrar que, se o Flamengo não precisava de Romário em 1999, o Vasco deve eterna gratidão a seu ídolo. Ídolo que, certa vez, jurou amor eterno ao rubro-negro. E a final ainda teve dois gols de Edílson, o 15º e o 16º no campeonato, para evitar qualquer dúvida. Edílson quebrou a hegemonia de cinco anos de Romário como artilheiro supremo do Rio. Aliás, qual camisa vestia o Baixinho na maioria das vezes em que ficou com o troféu de principal goleador carioca?

Para não haver ainda mais humilhação, o Fla tirou de Edílson a glória do gol do título e entregou-a a Petkovic. Pet bem podia ter ido jogar em São Januário, onde teria seu nome perfeitamente gritado pela galera líder em vic(e). Só que Deus deu a Pet o prêmio de ir jogar na Gávea.

"O GOL DE PET É AINDA MAIS HISTÓRICO QUE O DE RONDINELLI: ACONTECEU UM MINUTO MAIS TARDE E EVITOU A TRAGÉDIA"

27/5/01 MARACANÃ (RIO)

VASCO 1 X 3 FLAMENGO

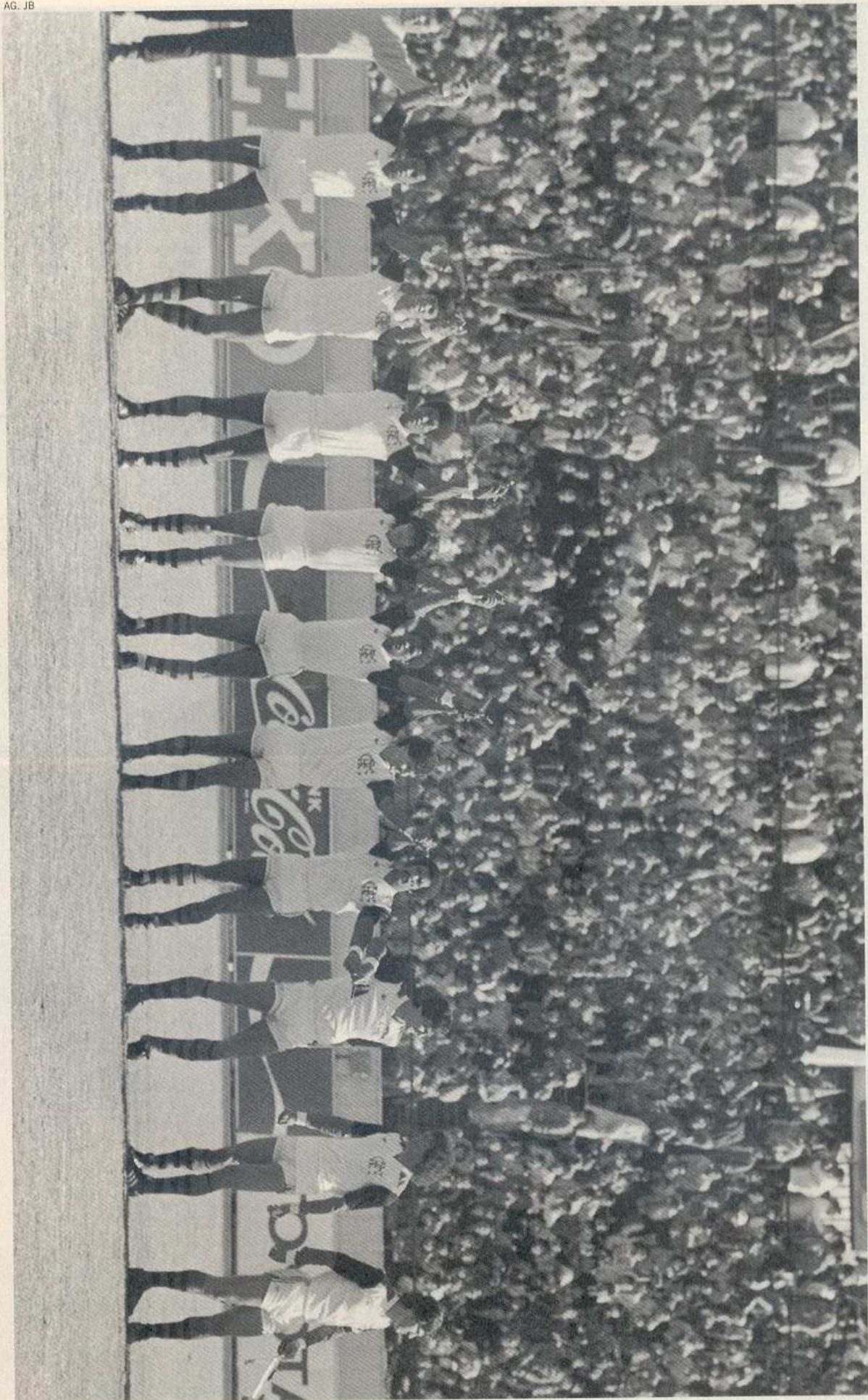
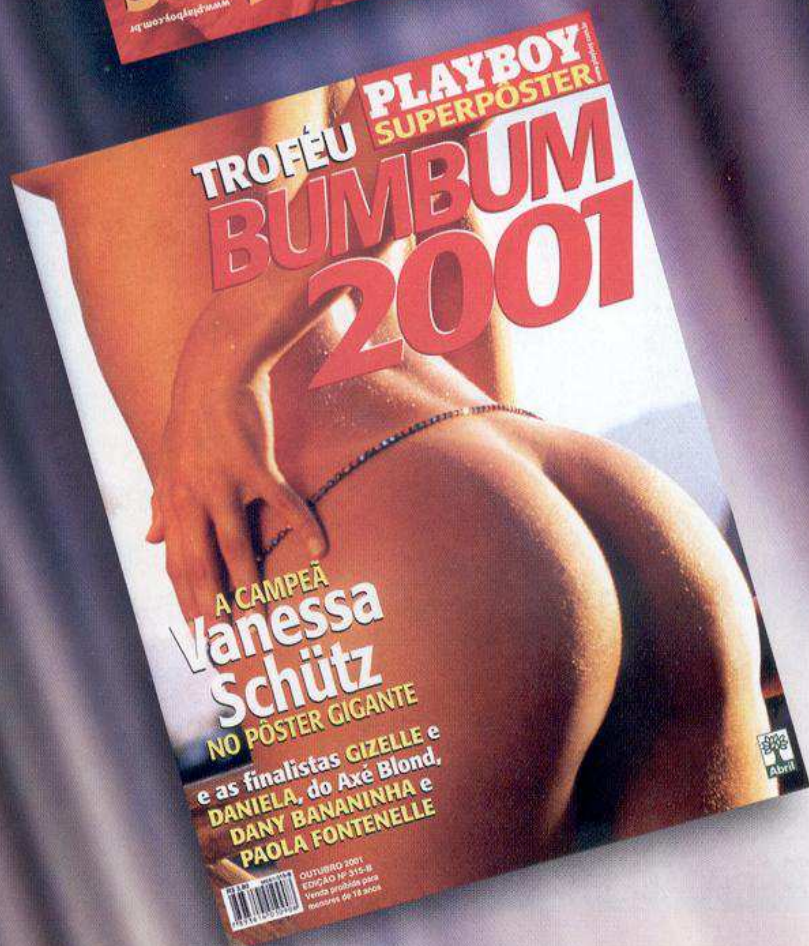
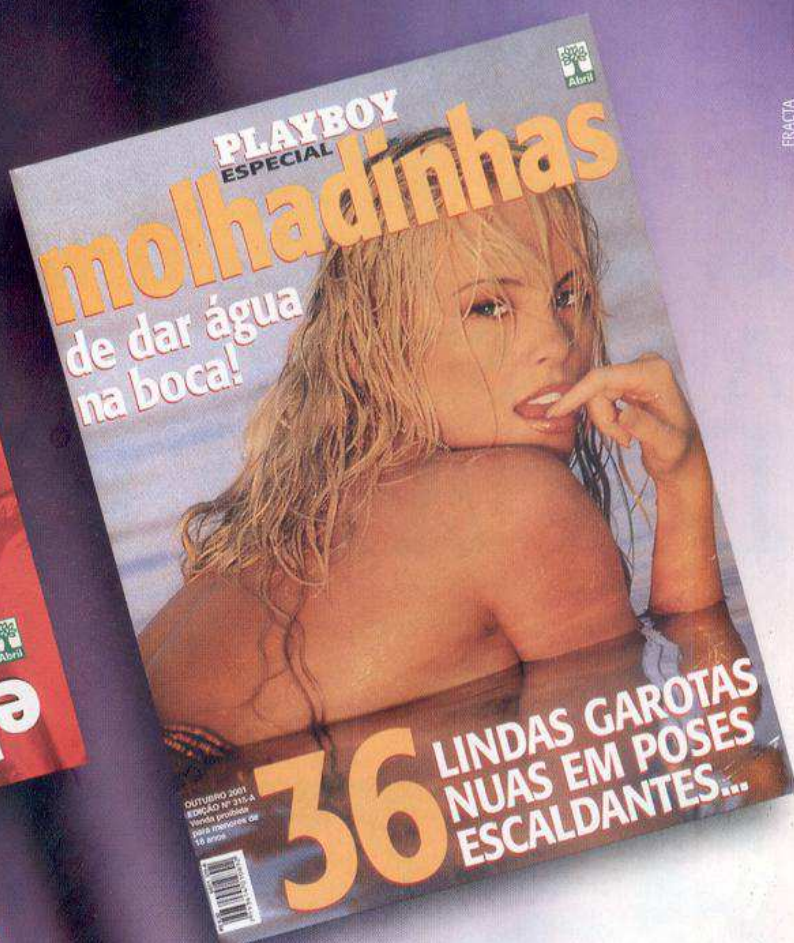
J: Léo Feldman; **G:** Edílson (pênalti) 21, Juninho Paulista 40 do 1º; Edílson 8, Petkovic 43 do 2º; **CA:** Clébson, Beto, Juninho Paulista, Euller, Jorginho Paulista, Juan, Hélton, Alexandre Torres

VASCO: Hélton, Clébson, Géder (Odvan), Alexandre Torres e Jorginho Paulista; Fabiano Eller, Paulo Miranda, Juninho Paulista e Pedrinho (Jorginho); Euller e Viola (Dedé). **T:** Joel Santana

FLAMENGO: Júlio César, Alessandro (Maurinho), Juan, Fernando e Cássio; Leandro Ávila, Rocha, Petkovic e Beto (Jorginho); Edílson e Reinaldo (Roma). **T:** Zagallo

Delírio: Pet acaba de marcar um gol histórico e comemora com Cássio

FLAMENGO CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES 1981

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Raul, Andrade, Mozer, Marinho, Lico, Adílio, Tita, Júnior, Leandro, Nunes e Zico

AG. JB

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro

ESPECIAL PLACAR